

SEGUNDA CARTA DE PEDRO

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Uwe Holmer

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2008, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão
Der Briefe des Petrus und der Brief des Judas
Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Holmer, Uwe

Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas / Fritz Grünzweig, Uwe Holmer, Werner de Boor / tradução Werner Fuchs. -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2008.

Título original: *Der Briefe des Jakobus, Die Briefe des Petrus und der Brief des Judas, die Briefe des Johannes.*

ISBN 978-85-7839-004-4 (brochura)

ISBN 978-85-7839-005-1 (capa dura)

1. Bíblia. N.T. João - Comentários 2. Bíblia. N.T. Judas - Comentários 3. Bíblia. N.T. Pedro - Comentários 4. Bíblia. N.T. Tiago - Comentários I. Holmer, Uwe. II. Boor, Werner de. III. Título.

08-05057 CDD-225.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Comentários 225.7

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Introdução à segunda carta de Pedro e à carta de Judas

I – A questão da autenticidade

II – Época de redação, destinatários, motivo da carta, tradição eclesiástica

III – A carta de Judas

IV – Indicações bibliográficas

Saudação inicial – 2Pe 1.1s

As dádivas de Deus e nossas tarefas – 2Pe 1.3-11

A fiança da grande expectativa futura da igreja – 2Pe 1.12-21

O surgimento de hereges – 2Pe 2.1-3

O juízo certo sobre todos os ímpios, a redenção segura para os devotos – 2Pe 2.4-13a

Dura caracterização dos hereges – 2Pe 2.13b-22

Está em jogo a expectativa de futuro – 2Pe 3.1-13

Exortação final – 2Pe 3.14-18

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de 2Pedro está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do AT. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías

- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de “Septuaginta” (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ Bíblia de Jerusalém (1987)
BV Bíblia Viva (1981)
NVI Nova Versão Internacional (1994)
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos

Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

INTRODUÇÃO À SEGUNDA CARTA DE PEDRO E À CARTA DE JUDAS

I – A QUESTÃO DA AUTENTICIDADE

1) Será mesmo que a carta, que nos propomos a ler em conjunto, representa – como diz o título do presente volume – um escrito do discípulo e apóstolo Pedro? Atualmente isso é contestado pela maioria dos teólogos. As razões disso podem ser melhor expostas por alguém como o Dr. A. Schlatter, de cuja submissão crente à Bíblia ninguém pode duvidar. Ele não questiona a “autenticidade” da carta por prazer em “criticar a Bíblia”. Com liberdade e franqueza ele expõe aos “leitores da Bíblia”, para os quais interpreta todos os escritos do NT em suas *Erläuterungen zum NT* (Elucidações do NT), logo nos dois versículos iniciais de 2Pe, o seguinte: “Pela maneira como essa carta repete a epístola de Judas, e pela diferença na linguagem que a separa da primeira carta de Pedro, resulta nitidamente que aqui não é Pedro quem fala pessoalmente à igreja, mas outro cristão. Ele escreveu para dizer aos cristãos em que consiste o verdadeiro cristianismo, e escolheu essa forma para sua exortação porque não se trata de sua própria opinião e intenção pessoal, mas daquilo que os apóstolos legaram à igreja e que torna sólida sua participação na graça de Deus,

e correto seu serviço a Deus. Não precisamos admitir a suposição de que, procedendo assim, o autor tivesse uma má consciência e pretendesse incorrer em uma fraude qualquer. Escolheu essa forma para falar aos cristãos porque se empenha com sinceridade e convicção para que a igreja não se desvie da trajetória que os apóstolos lhe indicaram, mas para que preserve o que deles recebeu. Por isso também não escreveu no topo da carta o nome de outro apóstolo, mas o de Pedro, porque Jesus fez de Pedro o primeiro de seus mensageiros e porque a igreja surgiu a partir do testemunho dele. Por isso ela permanecerá no caminho de Jesus, tal como lhe foi mostrado desde o começo, se não perder o que Pedro lhe anunciou.”

O que nos cabe dizer diante disso?

2) A *diferença na linguagem e no estilo* entre as duas epístolas de Pedro chamará atenção de todo leitor atento. Será possível que a mesma pessoa escreva de maneiras tão diversas? Pois bem, para nós é, em qualquer ponto, sempre arriscado dizer que isso ou aquilo não “pode” ser. Alguém como o apóstolo Paulo é capaz de falar de muitas maneiras distintas, como em sua carta aos Romanos e em 2Co! A razão simples para isso reside na diversidade das pessoas a que o apóstolo se dirigia com as cartas, e na considerável diferença dos temas de que era preciso tratar. No entanto, não seria esse também o caso das duas cartas de Pedro? Uma carta de consolo e encorajamento a cristãos perseguidos é algo muito diferente da áspera e irritada defesa contra perigosos falsificadores e sedutores que, não sem êxito, se introduziram em igrejas. Ademais, cumpre recordar mais uma vez que Pedro escreve a primeira carta expressamente “por meio de Silvano, o fiel irmão”. Esse destaque explícito da “fidelidade” de Silvano me parece ser um claro indicio de que Silvano não foi mero “escrevente que ouviu um ditado”, mas que, após dialogar com Pedro e de acordo com as instruções do apóstolo, tinha certa liberdade estilística para confeccionar a carta. No presente caso a carta seria de certo modo muito antes um escrito do próprio apóstolo, uma vez que em seu final falta qualquer referência a um “autor”. A aspereza e dureza na condenação e rejeição dos hereges seriam condizentes com o pescador singelo, com o homem do povo, que Jesus escolheu e convocou de acordo com a orientação do Pai.

3) Nesse caso também seria menos marcante a forte semelhança de vários trechos em 2Pe e da carta de Judas. Homens como Pedro e Judas estão muito próximos no que tange à origem e ao contexto humano. Considerando que o teólogo crítico da Bíblia é freqüentemente bastante ousado ao levantar hipóteses e construções, nós talvez também possamos sê-lo aqui. Não seria possível que Pedro e Judas falassem com preocupação comum sobre a invasão de falsos mestres em igrejas apostólicas, afinando sua avaliação conjunta e combinando uma ajuda epistolar para a igreja? Agora ressoam nas duas cartas muitos pontos que marcaram seus diálogos.

A exegese detalhada das duas cartas evidenciará que não se pode afirmar que uma carta foi “copiada” da outra. As passagens e frases “semelhantes” das duas cartas também apresentam diferenças tão características que um escrito independente com base em diálogos conjuntos de fato ofereceria a melhor explicação para esse quadro. Então a objeção de que alguém como o apóstolo Pedro não poderia ter se baseado na carta de uma pessoa menos significante perderá sua força.

4) Mas, então, será que a pergunta a respeito da “*autenticidade*”, ou seja, da autoria importa tanto assim? Vimos que Schlatter comenta 2Pe, a qual não considera autêntica, com a mesma seriedade e a mesma dedicação e atenção com que teria analisado uma carta “autêntica” de Pedro. Será que não importa simplesmente o conteúdo do escrito em si?

Entretanto, como fica a questão da *delimitação* do NT? A igreja antiga – ainda que depois de um tempo de indecisão – acolheu a carta no cânon do NT porque a considerou uma carta do apóstolo Pedro. Esse fato não é alterado em nada pela observação, sem dúvida correta, de que na Antigüidade a redação de escritos sob o nome de uma pessoa famosa pode ser observada em vários casos como forma admitida de literatura. De maneira alguma isso era entendido como “desonesto” ou até mesmo como “fraude”. Apesar disso ninguém pode duvidar de que seguramente não teríamos 2Pe em nosso NT se a igreja antiga tivesse reconhecido em seu autor um cristão de época posterior, que apenas falava às congregações em nome do apóstolo Pedro. Afinal, há uma considerável diferença entre alguém escrever sob o codinome de um “homem famoso” ou então desempenhar, até mesmo em toda a vida pessoal, a função de um apóstolo determinante. Apesar de um entendimento diverso na Antigüidade, as igrejas certamente consideravam isso uma usurpação inadmissível. Também o apóstolo Paulo dá máxima importância ao fato de que somente cartas realmente originárias dele mesmo tenham prevalência nas igrejas (2Ts 2.2).

5) Entretanto, não podemos deixar de indagar se o Espírito Santo, o Espírito da verdade, teria concedido sua orientação e sua autoridade a uma pessoa que falava às igrejas expressamente como “Pedro”, sem contudo de fato ser Pedro? Por mais honesta que tivesse sido a intenção desse homem, buscando preservar as igrejas na doutrina de Pedro através dessa carta, seu procedimento sempre carecerá de uma retidão última e de “límpida transparência”, que o apóstolo Paulo valorizava de forma tão determinada. O Espírito Santo não diz “sim” a algo assim.

Nesse caso, porém, a pergunta a respeito do autor desta carta é muito importante. No cristianismo primitivo existiram muitas obras boas e instrutivas, redigidas com a iluminação do Espírito Santo, mas isso não as qualificou

para serem acolhidas na Bíblia. No presente capítulo, leremos 2Pe como uma carta do próprio apóstolo, sabendo que, com isso, estamos em sintonia com a igreja primitiva.

II – ÉPOCA DE REDAÇÃO, DESTINATÁRIOS, MOTIVO DA CARTA, TRADIÇÃO ECLESIAÍSTICA

1) A época da redação

Somos informados pela própria carta sobre a época da redação de 2Pe, a saber, que ela foi escrita no melhor tempo de vida do apóstolo, antes de sofrer o martírio na perseguição dos cristãos pelo imperador Nero.

2) Os destinatários

Os destinatários são caracterizados apenas pelo estado de sua fé, não segundo o local de moradia. Obviamente também são destinatários da primeira carta. Mas igualmente 1Pe tem a forma de uma carta circular, que provavelmente também chegou a outras igrejas que não faziam parte das regiões da Ásia Menor. É a esse círculo mais amplo de igrejas que os apóstolos se dirigem em 2Pe.

3) O motivo

O motivo que levou tanto Pedro como Judas a escrever é evidenciado com muita clareza nas próprias cartas. Houve uma investida sobre as congregações por parte de hereges e sedutores, que conquistavam cada vez mais influência sobre a igreja. Estaremos corretos ao incluir essas novas pessoas no grande movimento do “gnosticismo”, que naquela época se alastrava como forte enxurrada, e por isso incontrolável, por todas as regiões, tentando penetrar consistentemente nas religiões e nos sistemas de pensamento. Existia o “gnosticismo” gentílico no judaísmo e havia, como vemos nestas duas cartas, fortes investidas “gnósticas” no sentido de apoderar-se também do jovem cristianismo. Não sabemos muito sobre o “gnosticismo”. As pessoas que haviam penetrado nas igrejas sem dúvida desejavam ser “cristãs”, do contrário nem teriam conseguido exercer influência. Sim, pretendiam trazer um cristianismo superior, mais livre. Isso já ficara patente em Corinto (1Co 5.6).

Na presente Introdução não tentaremos oferecer uma visão geral do “gnosticismo”. O *Theologisches Begriffslexikon* descreve o gnosticismo dessa forma:

“Gnosticismo (do grego *gnōsis* = conhecimento) é uma designação genérica para movimentos religiosos que fazem a redenção e libertação do ser humano depender do conhecimento sobre natureza, origem e destino do mundo, da vida humana e das esferas divinas. Por gnosticismo e gnose em sentido estrito entende-se uma linha no judaísmo, helenismo e cristianismo do séc. I a.C. até o séc. IV d.C. (auge no séc. II d.C.), que tentava chegar a um conhecimento de Deus e cujo alvo era a divinização das pessoas espirituais (pneumáticas) pela contemplação da divindade e, com frequência, pela unificação com ela pelo êxtase.

Fazem parte do sistema doutrinário gnóstico o dualismo teológico entre criação e redenção, teorias emanatistas sobre o fluir do divino sobre o mundo, conceitos de redenção que asseveram a libertação do cristão da matéria, e o retorno à pátria divina de origem, bem como a doutrina sobre a eficácia física dos sacramentos como *pharmaka athanasias*, remédios que conduzem à imortalidade. No gnosticismo cristão a fé é dissociada de sua contextualização histórica, nega-se a encarnação real de Cristo (docetismo) e restringe-se a obediência de fé. Os adeptos desse movimento são chamados de gnósticos, e os conceitos correlatos são adjetivados como gnósticos” (op. cit., p. XVIII).

Quem desejar obter mais informações encontrará material suficiente em qualquer compêndio de História Eclesiástica e também na coletânea de J. Leipoldt/W. Grundmann, *Umwelt des Urchristentums*” (vol. I, 2ª ed., Berlim 1967, especialmente p. 371-415). No comentário assinalaremos os respectivos pontos, que pareciam tão perigosos aos apóstolos e aos quais combatiam com muita dureza e determinação. Essa situação também permite compreender a veemência de seu linguajar nas cartas.

4) A tradição eclesiástica

A presente carta disseminou-se aos poucos na igreja, até ser reconhecida como escrito do apóstolo Pedro e acolhida no cânon. Orígenes (185-254) atesta-a, Jerônimo (340-420) considera-a autêntica, e ela pertence ao cânon desde a 39ª carta pascal de Atanásio no ano de 367 d.C.

III – A CARTA DE JUDAS

1) O *autor* se apresenta como “Judas, um escravo de Jesus Cristo e irmão de Tiago” (v. 1). Com isso aponta indubitavelmente para Tiago, irmão do Senhor. Ele próprio, portanto, também é um dos irmãos de sangue de Jesus,

citados em [Mc 6.3](#). Sobre sua vida não há maiores informações. Provavelmente ele também não fazia parte do grupo de seguidores quando Jesus era vivo.

2) A *época de redação* da carta pode ser situada no último terço do séc. I. Do conteúdo da carta depreende-se que Judas escreveu em uma época em que o “gnosticismo” estava invadindo a igreja, que ainda não a detectava nem expelia como uma heresia comumente reconhecida.

3) Nada sabemos sobre o *lugar da redação*.

4) A *autenticidade da carta* foi várias vezes questionada. Para isso recorre-se sobretudo aos v. [17s](#), dos quais se depreende que os apóstolos já anunciavam tempos em que surgiriam zombadores. Também Judas fazia parte desses apóstolos. O autor estaria se ocultando por trás desse “Judas”, a fim de para combater, recorrendo a tradições apostólicas, os hereges gnósticos e sua influência.

Essa concepção, no entanto, não passa de mera suposição, incapaz de ser realmente compromissiva (a esse respeito, cf. o comentário aos v. [17s](#)).

5) A tradição da primeira igreja (Tertuliano, cânon Muratori) já conhece a carta e em momento algum questiona a autoria de Judas.

IV – INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Schlatter, A. Die Briefe des Petrus, Judas, Jakobus, der Brief an die Hebräer, *Erläuterungen zum NT*, vol. 9.

Hauck, F. Die Kirchenbriefe, *NTD*, vol. 10.

Schelkle, K. H. “Die Petrusbriefe, der Judasbrief”, Benno-Verlag Leipzig e Herder-Verlag Freiburg.

COMENTÁRIO

SAUDAÇÃO INICIAL – [2PE 1.1S](#)

- 1 – Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo:**
- 2 – graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.**

Assim como em sua primeira carta, aqui Pedro segue o costume de seu tempo colocando o remetente no começo da missiva, em seguida caracterizando os destinatários, e por fim ligando a ambos por meio de uma saudação.

- 1 Simão Pedro, escravo e apóstolo de Jesus, do Cristo:** Diferentemente da primeira carta, Pedro cita seu nome original “Simão”, escrevendo-o na forma verbal hebraica *Symeon*. Provavelmente podemos depreender disso que a carta se dirige a grupos cristãos judeus que se alegram por ouvir seu nome no tom original. Pedro é o cognome que lhe foi dado pelo próprio Jesus, que boa parte do cristianismo primitivo ainda usava em sua forma aramaica, Cefas. Ele caracteriza sua posição perante Jesus de duas maneiras. De plena e livre vontade ele é **escravo** de Jesus, o Messias de Israel, desejando sofrer e agir como alguém que pertence integralmente a Jesus, vivendo em total dependência dele e agindo em inteira obediência a ele. Essa atuação, porém, resulta de sua vocação de *apóstolo*, de emissário autorizado **do Cristo**, i. é, do rei **Jesus**. É deste que ele é **escravo**. Na ordem social daquele tempo, um escravo perdia qualquer decisão autônoma sobre si mesmo e era “servo cativo” de seu senhor: Não podia fazer nada por iniciativa própria, mas sempre tinha de acatar a instrução do senhor. Do mesmo modo Pedro queria pertencer a seu “Senhor Jesus”, o Cristo de Deus – contudo por espontânea vontade! – e servir-lhe, particularmente em profunda gratidão pelo fato de este tê-lo adquirido e conquistado como propriedade com o empenho da própria vida, tendo-o

por isso arrancado do pecado e da morte. Seu serviço para Jesus, porém, é determinado por sua vocação. É o que os destinatários da carta devem ponderar quando ouvem o que lhes diz.

Quem são esses ouvintes? Ao contrário da primeira carta não se cita a região em que residem. Não sabemos a razão que Pedro tinha para não fazê-lo. Contudo, por ser sua segunda carta a eles (cf. 2Pe 3.1!), devem ser os mesmos destinatários endereçados em 1Pe 1.1.

Agora, porém, são caracterizados de outro modo, a saber, como pessoas **que receberam conosco a fé de igual valor, por meio da justiça de nosso Deus e (do) Redentor Jesus Cristo**. Em função disso a fé constitui a característica decisiva de todo verdadeiro cristão.

Fé, na Bíblia, significa a confiança da entrega a Deus, que se revela em sua palavra, em seus atos salvadores e por fim na pessoa do Cristo. Esse tipo de confiança não pode ser “produzida” por nós mesmos, ainda que não se forme sem nossa participação pessoal e sem nossa própria vontade. É **recebida** no encontro com o Deus vivo, ao qual nos conduzem os emissários autorizados.

Trata-se da **fé de igual valor**, que eles receberam **conosco** (os apóstolos). Isso é algo espantoso! Por natureza tendemos a pensar que os grandes apóstolos, afinal, tinham um cabedal interior muito diferente dos posteriores membros da igreja. Mas não: naquilo que era essencial, decisivo perante Deus, na “fé”, os membros não estão em desvantagem diante dos apóstolos. Possuem algo **de igual valor**. Sim, na **fé de igual valor** daqueles que nunca viram pessoalmente a Jesus acontece algo ainda mais admirável do que aquilo que Jesus disse a Tomé (Jo 20.29) e que Pedro repercutiu nas palavras de seu Senhor (1Pe 1.7-9).

Como, porém, chegam a essa **fé de igual valor**, que os une com o apóstolo Pedro em uma preciosa igualdade? Agora fica cabalmente explícito que ela não é feitura deles, mas a obra de Deus neles: **receberam a fé por meio da justiça de nosso Deus e (do) Redentor Jesus Cristo**. Pairam dúvidas se nesta frase temos de inserir o artigo “do” antes de “Redentor”, que não consta expressamente no texto grego, ou se Pedro de fato queria definir Jesus como “nosso Deus e Redentor”. Sem dúvida todo o NT está convicto da dignidade divina de Jesus, mas apenas raramente ele é designado expressamente como “Deus”. Permanece em aberto se isso ocorre também aqui. O versículo seguinte, no entanto, imediatamente diferencia entre “Deus” (o Pai) e “Jesus Cristo, nosso Senhor”.

Muito mais relevante é a pergunta de como devemos entender que nos foi concedida uma fé de igual tipo e valor com os apóstolos **por meio da** (ou: na) **justiça de Deus**. Uma série de comentaristas localiza essa “justiça” apenas na circunstância de que, ao repartir a fé, Deus não faz diferenças, mas concede a cada crente o presente igualmente precioso. Contudo, ainda que Pedro não queira afirmar mais, precisamos perguntar: por que Deus faz isso assim? Somente por causa de uma “justiça” exterior, formal, sem um motivo interior e essencial? Já no AT a “justiça de Deus” na realidade é algo muito diferente daquilo que nós concebemos a partir do pensamento jurídico e político. É a justiça que concede direitos, que estabelece e outorga o direito do afligido. No NT ela se torna a justiça “justificadora” de Deus (Rm 1.17!), que se revela no evangelho e confere ao pecador um novo direito e a paz com Deus (Rm 5.1). Nisso se requer de nossa parte somente uma coisa, e uma única situação pode ocorrer: aceitar com fé o presente extraordinário que Deus nos oferece pelo ato redentor de Jesus (Rm 3.21-26). Nesse aspecto, porém, situamo-nos exatamente no texto sob análise. Realmente existe apenas essa uma “fé”, através da qual cada pessoa encontra a vida nessa justiça justificadora e redentora de Deus, a qual é igualmente salvadora e por isso “igualmente preciosa”, seja em um apóstolo, seja em um dos mais humildes cristãos da Ásia Menor, seja naquele tempo, seja em qualquer recanto do mundo atual. É somente por meio do **Redentor Jesus Cristo**, de seu ato de reconciliação, que Deus se torna nosso Deus que está presente “para nós” (Rm 8.31ss).

Contudo, exatamente pelo fato de todos que realmente foram redimidos viverem dessa maravilhosa justiça de Deus, Pedro dirige-se aqui involuntariamente a “todos”, não estabelecendo nenhuma delimitação geográfica dos destinatários.

- 2 **Graça e paz vos sejam ricamente concedidas pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor**. O voto de graça e paz é conhecido por nós de muitas cartas do NT. Mas enquanto Tiago se contenta com o costumeiro e breve “Alegria primeiro”, Pedro ampliou o voto de bênçãos de forma peculiar. Não apenas aponta de forma geral como Paulo para Deus e Jesus como fonte de “graça e paz”, mas deseja que essas dádivas nos sejam **ricamente concedidas pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor**. Por que esse adendo? Talvez o olhar de Pedro já esteja direcionado para os “gnósticos”. Eles classificam “mera fé” como um estágio inferior do relacionamento com Deus, e

“*pístico*” = “pessoa de fé” era em seus lábios um termo pejorativo. Fosse como fosse, eles se consideravam muito acima disso através da “gnose” = “conhecimento”. Agora Pedro estabelece a ligação viva entre “fé” e **conhecimento**. É exatamente apenas no encontro com Deus em Jesus, nosso Senhor, gerador de fé, que “conhecemos” verdadeira e corretamente. Todos os conhecimentos, porém, que pensamos obter apenas com nossos pensamentos ou sistemas filosóficos passam longe da verdadeira natureza de Deus, de sua graça e sua paz. Para Pedro o “conhecimento” decorre do relacionamento fundamental com Deus ao recebermos a preciosa fé. No texto já se sugere aos destinatários da carta algo da afirmação posterior do grande mestre da igreja Anselmo de Cantuária: *credo ut intelligam* = “creio para entender”, como defesa interior contra o gnosticismo.

AS DÁDIVAS DE DEUS E NOSSAS TAREFAS – 2PE 1.3-11

- 3 – **Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude,**
- 4 – **pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo:**
- 5 – **por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento,**
- 6 – **com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade,**
- 7 – **com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor.**
- 8 – **Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no (pleno) conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.**
- 9 – **Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora.**
- 10 – **Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum.**
- 11 – **Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.**

3 Pedro inicia o escrito com exortações graves e abrangentes. Nossa vida cristã e eclesial não se processa simplesmente de forma automática, pelo contrário, requer-se para ela nosso engajamento decisivo (v. 10). Mas mesmo ao exortar Pedro é “evangélico” e não “legalista”, partindo das dádivas espontâneas e generosas de Deus. **Visto que seu poder divino nos presenteou com tudo o que serve à vida e à devoção.** Para “presentear” consta no grego uma palavra que designa a plena liberdade da doação divina. Ninguém fez por merecer de Deus, de forma livre e gratuita nos advém tudo do **poder divino**.

Quando, porém, o poder de Deus nos presenteia, somos ricos e eficazmente agraciados. Nesse processo a intenção de Deus é muito maior do que conceder uma série de bens terrenos. Sem dúvida o presentear de Deus serve à nossa “vida”. Mas é vida divina que se revela como devoção. Devoção não tem nada a ver com “beatária”. Conhecer realmente a Deus – Pedro falará disso em seguida – honrar e amar a Deus, estar disponível para Deus, isso também constitui a verdadeira “vida” que já nos foi preparada na criação (Gn 1.27). Para isso Deus nos presenteia ricamente com **tudo o que** contribui para ela. Não nos falta nada do que necessitamos. Uma **vida** assim não se resume a um ideal distante, mas temos o privilégio de realmente possuí-la. Isso é “evangelho”.

Por sua natureza, porém, ela não pode ser passada a nós como uma propriedade formal. Cada um de nós precisa abraçá-la de maneira muito pessoal através **do conhecimento daquele que nos chamou através de sua própria glória e eficiência**. Novamente Pedro emprega a palavra **conhecimento**. Certamente porque toda a nossa propriedade interior chega ao nosso coração somente pela via do “conhecer”. Provavelmente Pedro quisesses precaver os ouvintes mais uma vez diante do “gnosticismo”. Também nós temos “conhecimento”, e também para nós ele é fundamental. Mas não se trata daquele “conhecer” falso, com o qual o ser humano tenta se apoderar de Deus em todo tipo de sistemas intelectuais e especulações. Em total contraste com isso, o **conhecimento** genuíno de

Deus não está fundamentado sobre o esforço do ser humano, mas sobre o chamado de Deus, que da eternidade penetra em nossa vida, procurando, acertando e atraindo-nos para si. Então se revela ao ser humano **a própria glória e eficiência** de Deus. Ou seja, não se trata da “eficiência” do ser humano em qualquer “disposição religiosa”, de um “esforço estrênuo”, mas exclusivamente da **eficiência de Deus**. Em consonância com sua natureza divina, a eficiência de Deus é algo muito diferente da nossa. Por meio dela ele realiza milagres, sobretudo o milagre de conduzir pessoas da perdição e morte (v. 4) à vida verdadeira.

- 4 É precisamente por meio dessa glória e perfeição que **ele nos presenteou com as preciosas e grandes promessas, para que através delas vos torneis participantes da natureza divina, tendo escapado da perdição que existe no mundo por meio da concupiscência**. Por natureza todos nós somos reféns da **perdição, que existe no mundo por meio da concupiscência**. Não é preciso explicar isso em pormenores. Afinal, aquele cujos olhos se abriram para isso, que em dores travou a luta ardente e vã contra a **concupiscência**, e que passou pelo sofrimento de Rm 7.14s, está ciente disso, e para ele é agora um fato maravilhoso **ter escapado da perdição**. Contudo, a questão não se restringe a este “escapar”. Indissolavelmente ligado a isso – sendo simultaneamente premissa e consequência – existe um ganho inaudito: tornamo-nos **participantes da natureza divina**. Aqui de fato nos deparamos com **preciosas e magnas promessas**. Devemos ter parte na própria vida santa de Deus. O conteúdo, porém, é o mesmo que já foi exposto aos membros das igrejas em 1Pe 1.15s e que, de acordo com muitas passagens do NT, se concretiza pela habitação do Espírito Santo em nós. É assim que pessoas anteriormente opostas a Deus e reféns da perdição se tornam “santas” (cf. 1Co 1.2). Pedro expressa isto neste texto com termos helenistas e religiosos que a Bíblia não emprega em outras passagens. Talvez mais uma vez tenha recorrido conscientemente a afirmações gnósticas, para mostrar às igrejas de forma encorajadora em sua confrontação: aquilo que a nova doutrina tenta lhes dar por seus próprios métodos, nós já possuímos a partir de Deus e em uma realidade bem diferente.

No entanto Pedro afirma que ainda haveremos de nos **tornar** participantes da natureza divina. Aliás, importa que tenhamos o cuidado para que a presente frase dirija nosso olhar para **as preciosas e grandes promessas**, associando-se assim à característica básica escatológica de toda a Bíblia. Com toda a certeza as grandes promessas de Deus valem também para nossa vida atual, porque salvos por Jesus Cristo escapamos desde já da perdição no mundo (cf. também 1Ts 1.10), sob a condição de que obedecemos constantemente à exortação “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas” (1Tm 6.11; 2Tm 2.22). Teremos “escapado” definitivamente apenas depois de chegar ao alvo eterno. Contudo **a participação na natureza divina** começa logo que Cristo está em nós e “vive em mim” (Jo 17.23; Gl 2.20) e nós somos “santos” e membros do corpo de Cristo. Contudo isso será fragmentário e imperfeito até o momento em que “seremos iguais a ele”, quando “o veremos como ele é” (1Jo 3.2; Rm 8.29)! Realmente, essas são “preciosas e grandes promessas” que nos franqueiam um futuro indescritivelmente maravilhoso. Possivelmente Pedro realça tanto essa conotação escatológica desde o início porque havia uma certa dúvida quanto à esperança futura ter penetrado nas igrejas. Em 2Pe 3.1-13 a carta ainda tratará expressamente disso.

- 5 Pedro contempla tudo o que apresentou como grandiosa dádiva de Deus, chegando às conclusões cabíveis. Afinal, a longa frase começou com um “Visto que”. A consequência é: **justamente por isso aplicai todo o zelo...** No NT, sempre decorre da poderosa promessa essencialmente uma exigência correspondente, da dádiva decorre a incumbência, do ser que nos foi dado decorre sua concretização em nosso fazer. Os dons de Deus não nos foram concedidos para uma fruição devota, nem as grandes promessas de futuro, para a contemplação interessante. Somos chamados ao engajamento pessoal sério, e nesse engajamento experimentamos a “vida” e a “participação na natureza divina”.

Pedro parte do fundamento de vida de toda a nossa existência cristã, de nossa **fé**. Ele sabe que fé não é opinião teórica, não é aceitar algo intelectualmente como verdadeiro, mas “uma coisa viva, atuante, ativa, poderosa”. A fé tampouco pergunta se existem boas ações a serem feitas, mas antes de perguntar já as realizou e realiza constantemente. Aqui consta com a máxima brevidade **e ofereceu em vossa fé a operosidade**: se Deus é **operoso** em suas façanhas, também nós, como crentes e pertencentes a Deus pela fé, podemos ser operosos em um agir frutífero. Para isso careceremos de uma percepção clara da vontade de Deus (cf. Rm 12.1s): uma perspicácia dada por Deus para a respectiva situação e um julgamento correto como experiência crescente (Fp 1.9s). Por isso: **ofereceu na operosidade o conhecimento**.

- 6 No entanto, se nossa atuação no mundo deve ser frutífera, é preciso associar imediatamente o comedimento (ou: autocontrole, autodomínio) ao conhecimento. Somente com ele vencemos as numerosas seduções externas e internas que tentam nos deter no agir em favor de Deus. E mais: **no comedimento, porém, a resistência**. Toda vida autêntica e atuante em prol de Deus se confronta com a poderosa oposição do mundo e de seu terrível príncipe. Cabe, pois, agüentar e suportar muitas coisas. Por isso o NT repetidamente aponta para a resistência (na tradução de Lutero, “paciência”; inclusive em Gl 5.22). A princípio poderia causar espécie que Pedro, na seqüência, insira **na resistência, porém, a devoção**. Por acaso o v. 3 não citou a devoção como algo abrangente e fundamental? Por que, pois, ela surge aqui em meio a essa série? Talvez para que não percebamos o **comedimento** e a **resistência** como algo duro e pesado, mas que os esperemos, para que ao renunciar a seduções, ao nos controlar e ao suportar com constância o sofrimento para Deus cresçam a alegria no Senhor e a entrega a ele. Sobretudo, porém, provavelmente porque verdadeira “confraternidade” e “amor” genuíno somente se tornam possíveis em nosso relacionamento com Deus. Sempre é Deus quem “ama primeiro” e que por meio da entrega de Jesus à morte nos traz da morte de nosso desamor para a vida de amor.
- 7 Portanto, o olhar retorna de Deus para os seres humanos, entre os quais vivemos e atuamos. Os “gnósticos” e as grandes “pessoas espirituais” entre eles carecem dessa inflexão do olhar, que torna possível ver o ser humano sob a luz do amor de Deus. Falta de amor, apesar de todos os enlevos intelectuais – esta é a acusação fundamental que Paulo e João lançavam contra o “gnosticismo”. Certamente também Pedro percebeu isso nas igrejas às quais se dirige com esta carta. Por isso as exorta: **na devoção, porém, a confraternidade, na confraternidade, porém, o amor**. Obviamente também podemos traduzir *philadelphia* com amor fraterno, mas nesse caso temos de acrescentar à palavra subsequente “amor” a palavra “em geral”, que não consta no texto grego. *Philein* tem a mesma raiz de *philos* = “amigo”, designando por isso a atitude “amistosa”, cordial diante do “irmão”, ou seja, a **confraternidade**. **Amor** = *ágape*, porém, refere-se ao amor único e incondicional de Deus com que nos deparamos em Jesus. Precisamente esse amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo, e constitui o fruto básico do Espírito (Rm 5.5b; Gl 5.22). Evidentemente pode e deve valer também para o irmão (1Jo 3.14). Mas ele é “indivisível” e abrangente, a ponto de amar o inimigo.
- Foi-nos apresentada uma série de manifestações da nova vida. É significativo que essa série comece pela “fé” e se encerre com o amor. Tudo está abarcado pela fé e pelo amor. Fé e amor conservam todo o resto com vida, e um não existe sem o outro.
- 8 Na seqüência Pedro faz reluzir a vantagem dessa vida de “oferecimento” de uma “operosidade” à outra: **Porque, se essas coisas existirem e crescerem entre vós, não vos apresentarão inativos nem infrutíferos para o (pleno) conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo**. O se desta frase não deverá ser entendido de forma diferente do que em Fp 2.1. Pedro não tem dúvidas de que tudo o que ele arrola de fato pode ser encontrado nos ouvintes da carta. Entretanto, precisa ser atendida também a segunda condição: que cresça como tudo que é vivo (cf. 1Ts 4.10b-11). Então também experimentarão que sua vida cristã e eclesial não é **inativa nem infrutífera**. Todas essas operosidades os fazem avançar no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Como no v. 2, também aqui o prefixo *epi* antes de *gnosis* pode sublinhar a penetração mais profunda no conhecimento. Ao mesmo tempo a frase dirige-se novamente contra as novas tendências, que exaltam seu “conhecimento”, jogando-o na balança contra a “mera fé”. Não, é juntamente pela via dos “gnósticos” que não chegamos ao conhecimento genuíno. Somente as atuações práticas da vida cristã, enraizadas na fé (v. 5), nos conduzem mais profundamente ao conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Afinal, não se trata de captar intelectualmente certas “verdades”, mas de conhecer uma “pessoa”, de um conhecimento direto por meio do qual se constitui a comunhão pessoal. Afinal, a luta contra o “gnosticismo” não deve desvalorizar o conhecimento, mas pelo contrário: a igreja deve valorizá-lo em sua relevância plena. Mas precisa ser o conhecimento do qual o próprio Jesus declarou: “Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e àquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17.3 [TEB]). Para isso, porém, uma igreja de “crentes” não deve ser imprestável e tampouco infrutífera para o conhecimento de Jesus Cristo.
- 9 Não, Pedro visualiza o dano com muito maior profundidade! O contrário do verdadeiro conhecimento é “cegueira”, e não “desconhecimento”. Não existe ninguém na igreja que não soubesse muito sobre Jesus. **Porque aquele em quem não estão essas coisas é cego em sua miopia,**

tendo deixado cair no esquecimento a purificação de seus antigos pecados. Como assim, **cego em sua miopia**? Ora, ninguém será totalmente cego se ainda estiver vivendo em e com a igreja. Contudo é possível ser muito míope, ou seja, ver apenas o que está mais perto, porém captar até mesmo isso de maneira imprecisa. Então não estaremos muito distantes da carência de um “cego”. O gnosticismo deve ter notado e trazido à luz do dia os grandes danos que esse tipo de **miopia** gera nas igrejas. Essa circunstância, porém, pode ter levado cristãos sérios e zelosos daquele tempo a se abrir para um movimento que prometia remediá-la. Por isso é preciso apontar para a verdadeira causa do mal. Por que existem membros da igreja cegos em sua miopia? Todos carecem daquelas manifestações práticas vivenciais de fé operosa até o verdadeiro amor, mais precisamente porque **deixaram cair no esquecimento a purificação de seus antigos pecados.** Isso pode ser entendido de duas maneiras: uma é que não avançaram para a purificação de todos os seus pecados, ainda que a tenham iniciado ao se tornarem cristãos. Por se esquecerem de como é necessária uma purificação total e plena, levam boa parte de sua velha natureza e vida para dentro da nova condição de cristãos. A outra é que fizeram cair **no esquecimento a purificação** experimentada na conversão no passado, não vivendo mais do perdão e da purificação, e assim deixando ressurgir dentro de si antigos pecados. As duas coisas podem ter sido favorecidas pelo gnosticismo, com suas “trajetórias às alturas”. Então faltou tudo o que Pedro descreveu como vida prática da fé, e as pessoas se tornam cegas. Aos poucos passamos a ver Jesus, o Crucificado, apenas através de uma névoa, por mais orgulhosamente que nos gloriemos de nosso conhecimento.

- 10** Pedro escreve tudo isso porque vê esse perigo penetrar nas igrejas. As igrejas têm de precaver-se diante dele. Quem tiver ouvidos, deve ouvir o alerta: **Tanto mais, irmãos, sede diligentes em consolidar vossa vocação e eleição!** Como já foi constatado no v. 3, são pessoas “chamadas” por Deus que se abriram ao chamado e com admiração e gratidão reconheceram nessa **vocação** simultaneamente sua **eleição** eterna. Porventura então essa vocação e eleição por Deus não gerou tudo o que era preciso, visto que Deus não pode se arrepende de sua vocação? (Rm 11.29). Sim, mas a vocação e eleição não nos transformam em “títeres” na mão de Deus. Ele permite que continuemos sendo “pessoas” com responsabilidade própria. Por essa razão temos de “responder” à eleição e vocação dele, aceitando pessoalmente a ambas na hora de nossa conversão, e **consolidando-as** sempre mais. Esse **consolidar** passa por toda a nossa vida até as últimas tribulações na hora da morte. Nossa **diligência** faz parte disso em qualquer situação da nossa vida, porque na verdade nos encontramos na correnteza de um “mundo” que por fortes empuxos tenta nos arrancar de Deus e de nossa vocação e eleição.

Na seqüência vem a asserção: **porque, se fizerdes isso, jamais tropeçareis.** Evidentemente esse **tropeçar** também pode se referir a deslizos éticos isolados. Contudo na correlação do presente texto seu principal significado é: cair em uma heresia e deixar-se desencaminhar. Muitas vezes o cristão se apresenta aparentemente indefeso diante de correntes sedutoras, quando os desencaminhadores parecem conduzir a um cristianismo superior e mais esplendoroso. Contudo, quem “consolidou” sua vocação e eleição originais cada vez mais e desenvolve sua fé a partir de toda a série explicitada no v. 5 não será abalado pelo torvelinho de correntes variadas.

- 11** Ele chegará ao grande alvo. Não é surpreendente que Pedro designe esse alvo com a locução original do **reinado de Deus** presente na proclamação de João Batista e do próprio Senhor Jesus. Obviamente agora já não é “reinado dos céus” ou “reinado de Deus”. Afinal, este reinado tornou-se, pelos eventos da história da salvação (a saber, o envio de Jesus, sua morte na cruz, sua ressurreição, sua exaltação), **o reinado de nosso Senhor e Salvador Jesus** que, como o Cristo, o concretiza em sua pessoa. O “acesso” ou “entrada” para esse glorioso reinado é simultaneamente uma questão futura e presente. Na realidade até mesmo nos discursos e nas parábolas do próprio Jesus esse “reino dos céus” é algo que ainda está “por chegar”, e não obstante também algo que de certo modo acontece já neste momento. “É chegado”, atuando da forma mais intensa aqui e agora. Contudo ainda precisa “chegar” de fato e criar aquele “novo céu” e a “nova terra” dos quais se falará em 2Pe 3.13. O “acesso” a esse reino, porém, agora já foi viabilizado para nós em nosso Senhor e Salvador Jesus e por meio da redenção consumada por ele como Messias. E ninguém realmente escapará da perdição do mundo se não tiver entrado já aqui no reino de Deus (v. 4). Podemos estar certos de que esse acesso nos é **oferecido em abundância.** Também aqui Pedro pensa de forma totalmente “evangélica” e não “legalista”. Afinal, esse acesso *não* precisa ser conquistado, adquirido pelo esforço, nem de alguma maneira merecido. Ele é presente da graça. Mas ele somente é **oferecido** aos

que realmente “crêem” e demonstram a realidade de sua fé naquela “operosidade” de que fomos lembrados recentemente nos v. 5-7.

Ao mesmo tempo, porém, esse **eterno reinado de nosso Senhor e Salvador Jesus** é também para Pedro necessariamente uma realidade futura, da qual passará a falar a palavra profética (v. 19) e que se manifestará somente no “dia do Senhor” com glória plena e preenchendo a tudo (2Pe 3.8-13). Contudo nesse “dia do Senhor” tudo depende de que o acesso a esse reinado eterno nos seja “oferecido” de modo livre e abundante. Alguém como Pedro vê diante de si com extrema gravidade tudo o que o próprio Senhor outrora afirmara sobre a porta fechada e de “ficar de fora” (Mt 25.10-13; Lc 13.25-27). Em consonância, também o bloco subsequente está integralmente direcionado ao futuro.

A FIANÇA DA GRANDE EXPECTATIVA FUTURA DA IGREJA – **2PE 1.12-21**

- 12 – Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados.**
- 13 – Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar-vos com essas lembranças,**
- 14 – certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou.**
- 15 – Mas, de minha parte, esforçar-me-ei, diligentemente, por fazer que, a todo tempo, mesmo depois da minha partida, conserveis lembrança de tudo.**
- 16 – Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas (ou: maquinadas), mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade**
- 17 – pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.**
- 18 – Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo.**
- 19 – Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração.**
- 20 – sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação (arbitrária).**
- 21 – porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens (*santos*) falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.**

12 No primeiro bloco desta carta Pedro descreveu a vida da igreja de Jesus e de todos os verdadeiros membros, e como ela se desenvolve a partir de sua fé ao longo daquela série de atitudes e ações até a “entrega do amor” (v. 5-7). Nesse sentido toda a vida da igreja se encontrava para ele sob a luz da grande expectativa futura. Escreve de forma muito ponderada e consciente: **Por essa razão estarei sempre atento para vos lembrar dessas coisas, embora as conheceis e estejais fortalecidos pela verdade presente (para vós).** Em suas cartas os apóstolos dirigem-se a igrejas que conhecem a mensagem, cuja **verdade** está **presente** nas igrejas, **fortalecendo** os membros da igreja. Foi isso que experimentaram de muitas maneiras. Esse “fortalecer” é um “solidificar” e “apoiar”, também nas tribulações a que a igreja está exposta. No entanto, por se tratar de questões tão importantes, Pedro pretende **sempre estar atento para vos lembrar dessas coisas.** Todos nós precisamos desse lembrar, já que não está em jogo um “saber” natural, evidente em si mesmo. A verdade de Deus é uma contraposição fundamental a tudo que o ser humano pensa e deseja após a queda no pecado. A este mundo, a mensagem de Deus parece uma “tolice”, assim como inversamente este mundo é tolice diante de Deus (1Co 1.21; 3.18-20). Nessa situação corremos constantemente o risco de atenuar, e até mesmo “esquecer”, a verdade de Deus, adaptando-nos a este mundo. Conseqüentemente, lembrar constitui uma tarefa essencial dos escritos apostólicos, como também de toda proclamação que já aconteceu na igreja do Ressuscitado.

13s A necessidade dessa tarefa é sublinhada por Pedro na frase seguinte: **Considero, porém, justo, enquanto viver nesta tenda, manter-vos acordados através de lembrança, porque sei que está próximo o desmante (ou: o despir) de minha tenda, conforme também nosso Senhor Jesus**

Cristo me revelou. A igreja e seus membros precisam ser constantemente “**mantidos acordados**”, e também ser “despertados” por meio de uma lembrança viva e poderosa de tudo eles já “conhecem” (1Co 15.1s). “Esquecemos” em função de cansaço, entorpecimento, dormência, também em vista da expectativa futura (cf. Rm 13.11; 1Ts 5.6-8).

No **lembrar** recai sobre os apóstolos uma tarefa singular. Eles são as testemunhas originais do Salvador Jesus Cristo e portadores da primeira proclamação fundadora de igrejas. Dificilmente outra pessoa seria capaz de falar de Jesus, de seu ensino, atuação, padecimento, morte e ressurreição como Pedro, a “rocha” sobre quem Jesus queria construir sua igreja. Até então isso ocorrera de forma predominantemente oral. Mas isso somente era possível **enquanto vivia nesta tenda**. Esse tempo agora se aproxima do fim: **Sei que o desmonte** (ou: o despir) **de minha tenda está próximo**. O termo usado aqui para “estar próximo” também pode designar que o acontecimento é repentino. De onde Pedro “sabe” que sua morte se aproxima e pode vir repentinamente? Sua própria situação torna isso evidente para ele. Afinal, está em Roma. Lá se intensifica o perigo. E seu Senhor, Jesus Cristo, lhe havia explicado pessoalmente “com que morte ele haveria de exaltar a Deus” (Jo 21.18s). Será um fim realmente violento o **desmonte da tenda** em que agora ainda se encontra.

- 15** Em função disso Pedro escreve a seus ouvintes: **Mas pretendo me esforçar para que depois de minha partida também tenhais, a qualquer hora, a possibilidade de vos recordar dessas coisas.** É para isso que lhes serve a carta, por ser para eles, **a qualquer hora**, inclusive **depois de sua partida**, o meio da recordação daquilo sobre o que está testemunhando.
- 16** Trata-se precisamente desse “testemunho” da história, de uma história vivenciada pessoalmente, não de **mitos imaginados com sapiência**. **Mitos** e estranhas narrativas religiosas dos primórdios dos povos existem em todas as religiões e culturas. O termo usado para designar os **mitos**, “maquinados”, não precisa ter conotação depreciativa. Nestes mitos o ser humano – dependendo do nível cultural, de forma mais grosseira ou refinada – expressa sua visão de mundo, seu pensamento sobre vida e morte, seu anseio religioso, seu entendimento de Deus. Logo podem muito bem ser profundos e mover nosso íntimo. Contudo possuem todos o mesmo defeito: foram **imaginados** por seres humanos. Não há necessidade de testemunhas oculares para eles. Não falam de fatos históricos que podem e precisam ser “testemunhados”. Migram pelo mundo, acolhidos e repetidamente reconfigurados, falando por si mesmos. Mas o testemunho de Jesus é tudo menos um mito. Por essa razão é possível destacar enfaticamente: **Porque não foi seguindo mitos imaginados com sapiência** (ou: maquinados) **que vos anunciamos o poder e a parusia de nosso Senhor Jesus Cristo, mas porque nos tornamos testemunhas oculares de sua majestade.** Para um “mito” não existem **testemunhas oculares**, mas para **o poder e a parusia de nosso Senhor Jesus Cristo**, sim. Na pessoa de Pedro uma dessas testemunhas oculares se apresenta à igreja. Enfatiza isso porque para as pessoas daquele tempo (e de hoje!) o evangelho também se parece facilmente com um “mito”. Falava-se muito de deuses que “morrem” e “ressuscitam”. Mitos dessa espécie eram usados simbolicamente também por filósofos. Contudo jamais foi possível ver e testemunhar historicamente um desses deuses que morrem e ressuscitam. Esse morrer e ressuscitar nem sequer era compreendido como acontecimento, mas somente como “figuração” para o ciclo de fenecimento e novo despertar da vida na natureza. Acerca de Jesus, porém, João atesta para todos os apóstolos: “Vimos a sua glória” (Jo 1.14; 1Jo 1.1,3).
- Para essa realidade Pedro usa a expressão **o poder e a parusia de nosso Senhor Jesus Cristo**. Essa é uma constelação curiosa. Igualmente peculiar é que na seqüência Pedro não relacione sua condição de testemunha ocular em relação aos milagres com os quais Jesus comprovou seu “poder”. Sim, ele nem mesmo cita a ressurreição de Jesus e o fato de ter visto o ressuscitado, mas concentra o olhar em uma experiência extraordinária: na transfiguração de Jesus no alto do monte (Mt 17.1-9). Por que faz isso? Conforme já pudemos observar, importa-lhe na carta o futuro, que vem ao encontro da igreja. Por isso estabelece involuntariamente uma firme conexão entre **poder e parusia**. Somente na nova vinda, que transformará e consumará tudo, Jesus evidenciará publicamente seu poder, sua **majestade**, atingindo o alvo de sua obra. Na transfiguração sobre o monte, porém, Pedro identificou a irrupção deste “futuro” no presente. Nessa transfiguração Jesus um dia se apresentará em sua parusia. Jesus não apareceu aos discípulos com essa glória depois de sua ressurreição. Nenhum relato da Páscoa descreve o Ressuscitado dessa forma.
- 17** Soma-se a isso um segundo aspecto. Para Pedro, a “testemunha de Jesus”, importa o testemunho idêntico de Deus em favor de Jesus. Pressupõe na igreja o conhecimento da história em si. Não se

detém naquilo que se tornou visível no próprio Jesus, nem em Moisés nem em Elias. Pelo contrário, para a fé em Jesus e para a expectativa de sua parusia o importante é: **porque de Deus, o Pai, ele recebeu honra e glória, quando partiu para ele a seguinte voz da excelsa glória: Meu Filho amado é este, do qual me agradei.** É para esse aspecto que o próprio Deus chamou a atenção dos discípulos. Quando os discípulos “ergueram os olhos, não viram ninguém senão apenas Jesus”, mas o “testemunho de Deus”, que haviam ouvido, ficou com eles. É isso que Pedro, como testemunha, também expõe à igreja agora.

18 Essa voz que ouvimos pessoalmente vinda do céu quando estávamos junto dele no sagrado monte. Pedro deseja ser testemunha do testemunho de Deus. Por mais que ele seja uma “testemunha original” imprescindível que fixa seu testemunho por escrito para que continue existindo também após sua morte – o testemunho decisivo acerca de Jesus somente pode ser dado pelo próprio Deus. Foi precisamente isso que *ele fez*: lá no alto do monte, que assim se tornou um monte “sagrado”.

Para nós seres humanos de hoje uma argumentação dessas a princípio soa estranha. Desejamos experimentar o “poder de Jesus” diretamente em nós mesmos: na transformação de corações humanos ou em curas e dons especiais. No entanto, a sua divindade essencial é menos interessante para nós. Tornamo-nos cada vez mais antropocêntricos. O ser humano, com sua vivência e atuação, ocupa o centro da nossa atenção. Conseqüentemente, também o verdadeiro anseio pela parusia de Jesus tem pouca vitalidade no cristianismo. Nós mesmos queremos, através de nosso engajamento – ainda que com premissa “cristã” e de alguma maneira também com forças de amor que emanam de Jesus – levar o mundo a uma existência melhor. A Bíblia, porém, é teocêntrica, nela Deus de fato é o Alfa e o Ômega, o começo e o fim. Unicamente ele profere a palavra decisiva e realiza os feitos determinantes. Somente ele é capaz de transformar o mundo e “tornar novas todas as coisas” (Ap 21). Foi de Deus, o Pai, que Jesus, o Filho, recebeu honra e glória, e somente nisso se fundamenta seu “poder” e sua “parusia”, motivo pelo qual podemos ter certeza deles.

19 A marca de toda a proclamação do NT é que para ela é imprescindível o recurso ao AT, ou seja, a ação de Deus com o povo da aliança e seu falar na palavra dos profetas. Tanto nos evangelhos como nos discursos de Atos dos Apóstolos e nas cartas dos apóstolos todo leitor da Bíblia depara-se constantemente com palavras citadas do AT. E o livro profético do NT, o Apocalipse de João, vive inteiramente da palavra dos profetas do AT. Por conseguinte, a igreja também é imediatamente remetida a ela: **E tanto mais sólida é a palavra profética que temos; fareis bem se a observardes como uma lâmpada que ilumina um lugar escuro.** Que serviço presta uma lâmpada na noite escura! Como é imprescindível para nós, e como ansiamos pela luz! Por isso Pedro afiança também à igreja de Jesus que ela fará bem se observar a luz da palavra profética, porque por muito tempo ainda está escuro no mundo, porque “poder e parusia”, “honra e glória” de Jesus, embora atestados por Deus, ainda não se tornaram visíveis. A igreja de Jesus é uma igreja que aguarda e que, apesar de tudo o que pode vivenciar, continua dependente da luz da palavra **até raiar o dia e nascer a estrela d’alva em vossos corações.** O dia de Deus irrompe com a parusia de Jesus. Então a igreja experimentará algo inconcebivelmente grandioso. Todo o esplendor e toda a beleza do mundo atual, que de fato existem, parecerão como mera parcela da “noite”, porque, afinal, tudo está deformado e obscurecido por pecado, sofrimento e morte. É somente sobre o novo mundo de Deus que repousa o brilho do dia radiante. Entretanto, não será apenas em torno de nós que o dia de Deus irromperá. Não, então também surgirá em nós mesmos, “em nossos corações”, o radiante sinal do dia, a “estrela d’alva”. Recordamos que o Senhor exaltado se apresenta em Ap 22.16 como “radiante estrela da manhã”. Ele, que já agora habita em nós pela fé (Ef 3.17), brilhará em nós com luz radiante.

20 A palavra profética representa uma grande ajuda para a igreja, mas ela obviamente precisa fazer uso correto dessa ajuda. Afinal, a palavra dos profetas fala do grande futuro de Deus, ou seja, de glórias que transcendem milhares de vezes nossa concepção atual. Fala necessariamente através de ilustrações que requerem ser compreendidas corretamente, de sorte que a palavra profética carece de explicação, algo que é percebido por todo leitor da Bíblia. É então que surge o perigo da interpretação própria e autocrática. Esse perigo aumenta quando somos impelidos por um anseio sincero e ardente de reconhecer o futuro a partir da palavra profética. Por isso a igreja é advertida neste ponto: **Reconhecei, porém, primeiro isto: que nenhuma profecia da Escritura admite interpretação** (autocrática). Cumpra que nos contentemos com a luz da lâmpada assim como nos foi dada, não tentando fazer brilhar autocraticamente essa lâmpada a longas distâncias, para sondar prematuramente os caminhos de Deus no futuro. Afinal, a palavra profética ilumina o presente e

aquilo que a igreja experimenta no respectivo momento da atualidade. Em 2Pe 3 o próprio Pedro fará uso desse modo da palavra profética.

- 21 Esse comedimento e esta humildade na interpretação são necessários porque não estamos lidando com palavras produzidas pela inteligência humana e que, por nós mesmos, somos capazes de compreender e expor, mas de palavras vindas de Deus: **Porque jamais foi dada qualquer profecia pela vontade humana, mas, impelidas pelo Espírito Santo, pessoas falaram a partir de Deus.** Nós, pessoas modernas, corremos o risco de enxergar nos profetas da Bíblia somente “grandes personagens religiosas” que tiravam as mensagens das suas profundezas intelectuais, sem serem muito diferentes de outras pessoas notáveis da história universal. Por essa razão a palavra de Pedro vigora seriamente para nós. Por mais nobre e religioso que seja, o espírito humano jamais poderá ser Espírito Santo, Espírito de Deus. Em contraposição, os profetas de Deus eram pessoas muito singelas, para as quais não importavam os pensamentos, as opiniões e os alvos próprios. Pelo contrário, acima do falar deles pairava com grande certeza: “Assim diz o Senhor”. Era o Espírito de Deus que os impelia. Tinham de falar, até mesmo quando não queriam e quando isso os precipitava em grandes aflições e sofrimentos. Agora, porém, temos de honrar a palavra deles como essa palavra vinda de Deus, lidando com ela em reverência santa.

O SURGIMENTO DE HEREGES – 2PE 2.1-3

- 1 – Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem (ou: negarem) o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.
- 2 – E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade.
- 3 – Também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.

- 1 Depois que alertou contra a interpretação autocrática da palavra profética, Pedro passa a falar de uma deturpação muito mais perigosa da profecia: Mas se apresentaram também profetas mentirosos ao povo, assim como também haverá entre vós mestres mentirosos que introduzirão dissidências geradoras de perdição. De fato: em Israel foi necessário travar uma luta permanente contra pseudoprofetas, que eram profetas mentirosos, pois não apenas o conteúdo do que anunciavam era inverídico e desencaminhador, mas já a própria reivindicação de ser “profeta” era mentira. Peculiar, porém, é a conclusão que Pedro tira dessa circunstância: não fala como João (1Jo 4.1ss) de “falsos profetas” nas igrejas, mas de *pseudodidaskaloi* = mestres mentirosos, sendo que também aqui devemos ter em mente a mesma dupla mentira: arvoram-se em “mestres” sem terem sido chamados por Deus como tais, e no conteúdo, trazem heresia. Aparentemente o carisma da profecia não tinha muita importância nas igrejas às quais a carta se dirige. Importantes, no entanto, eram os “mestres” e a doutrina trazida por eles à igreja. Também as grandes dificuldades em Corinto não remontavam a uma “profecia” falsa no sentido estrito, mas a uma proclamação e doutrina desencaminhadoras. De forma bem típica, exatamente como Pedro está advertindo, aconteceram também em Corinto dissidências (1Co 1.10-17). No NT a “doutrina” desempenha um papel muito importante, constituindo o alicerce para a edificação de uma igreja. Por isso ela também foi confiada por Deus como dádiva e tarefa para certos “mestres” (cf. 1Tm 2.7; 1Co 12.28; Ef 4.11; Tg 3.1). Quem, no entanto, ensina na igreja sem vocação genuína não é apenas insolente em termos humanos, mas já por isso se torna “mentiroso” contra Deus. Arvora-se em “mestre” ao tentar abrir espaço para uma concepção divergente da mensagem que, no entanto, vem a ser um “evangelho diferente” (Gl 1.6s).

Inicialmente Pedro não afirma nada acerca do conteúdo da nova doutrina; mas um efeito dela fica diretamente visível para a igreja: os mestres mentirosos introduzem dissidências geradoras de perdição. O termo grego *hairesis* = dissidência designa, a princípio de forma neutra, a formação de determinados grupos e equivale à nossa palavra “partido”. Mas partidos facilmente se transformam em dissidências e cisões que dilaceram uma igreja, introduzindo nela brigas e discórdias, como já se evidenciara claramente em Corinto (1Co 1.10-13; 3.1-4). Aqui se trata de cisões geradoras de perdição. É o que Pedro sublinha mediante o termo *apoleias* = perdição, acrescentado expressamente.

Simultaneamente a palavra para introduzir, pelo prefixo *parei*, possui a conotação traiçoeira de “contrabandear”.

É peculiar que Pedro escreva todo o trecho na forma futura. Será que ele constata que os hereges estão por chegar, enquanto Judas descreve em sua carta o cumprimento desse anúncio? Porventura isso comprova que a carta de Judas foi escrita depois de 2Pe? No entanto, no decurso do capítulo, Pedro fala a respeito deles seguramente como de perturbadores atuais da igreja. Por isso deve ter usado o futuro de forma não-intencional, porque viu esses “pseudomestres” prenunciados nos “pseudoprofetias” de Israel. Na perspectiva do AT eles “estarão” presentes de forma análoga, assim como também o juízo há muito prenunciado se “descarregará” sobre eles. Portanto não podemos depreender nenhuma indicação cronológica neste versículo em relação à carta de Judas. Na seqüência é dito algo, de forma sucinta mas marcante, sobre o conteúdo do ensino deles: Negando (ou: renegando) o Senhor que os remiu, hão de trazer sobre si perdição súbita. Com essas palavras situamo-nos diretamente no ponto que também João indica como característica dos “profetas mentirosos” em 1Jo 4.2s; 5.6. Também o “gnosticismo” cristão empregava termos bíblicos centrais. Pois do contrário dificilmente teria obtido acesso às igrejas. E precisamente neste mau uso dos termos habituais reside o contrabandear que repercute aqui. Mas para os gnósticos a mensagem central do Cristo que “veio na carne” e nos “remiu com seu sangue” era secundária, se não constrangedora. Não consideravam o ser humano como alguém realmente perdido que por isso de fato precisasse ser resgatado, mas dissolvem a Jesus, como diz João, negando aquele que se tornou nosso Senhor, porque ele nos “adquiriu por alto preço” (1Co 6.19s). Ainda veremos que decorrências práticas isso tinha de acarretar e de fato acarretou. Inicialmente Pedro apenas constata que essas pessoas, que com certeza se portavam com grande orgulho (v. 18), não apenas ameaçavam a igreja com cisões para a perdição, mas trazem sobre si mesmas repentina perdição. Isso não significa obrigatoriamente que em breve serão acometidas de um infortúnio qualquer, porque a palavra para *apoleia* = perdição sempre designa a “perdição eterna”. Verdade é que pode atingi-las repentinamente, seja por ocasião da parusia do Senhor ou ao morrerem, independentemente do momento.

- 2 Do mesmo modo como Paulo e João são obrigados a presenciar grandes sucessos das novas correntes, também Pedro constata que os mestres mentirosos conquistam numerosas adesões na igreja: muitos seguirão suas libertinagens. As teorias religiosas do gnosticismo nem mesmo eram tão sedutoras: talvez muitos membros das igrejas nem as tivessem compreendido. Porém, quando alguém já não quer ser uma pessoa resgatada por sangue, que pertence a um Senhor e tem de obedecer a esse Senhor com gratidão e amor, cairá em uma “liberdade” que é indisciplina e leva a libertinagens. Afinal, em Corinto também foi a “palavra de liberdade”, mais precisamente da “liberdade” na área sexual, que conquistou muitos membros da igreja. Pedro vê acontecer a mesma coisa nas igrejas às quais dirigia a carta. Muitos são atraídos por uma forma de “cristianismo” na qual é lícito conduzir-se com liberalidade sexual e ao mesmo tempo manter uma aparência de cristãos progressistas, superiores.

Entretanto, que perigo esses **muitos** na igreja representam para o serviço do testemunho, do qual, afinal, a igreja foi incumbida! **Por causa desses muitos é blasfemado o caminho da verdade.** Por um lado os cristãos que agiam com liberdade desenfreada atraíam muitas pessoas, mas por outro escandalizavam outras tantas pessoas sérias em sua busca, de modo que eram culpados pelo fato de o evangelho ser **blasfemado**. Não estaremos errados ao supor que com isso Pedro pensa principalmente em seus compatriotas israelitas. Eles tinham particular tendência para **blasfemar**, no verdadeiro sentido, a mensagem de Jesus. Agora tinham motivo para apontar o dedo: “Ora, vocês estão vendo o que resulta dessa fé em Jesus! Observem, pois, como vivem esses seguidores de Jesus!” No entanto, também gentios sinceros em sua busca que lutavam por viver uma vida correta sentiam-se obrigados a se afastar com ojeriza de uma doutrina que aparentemente admitia libertinagens de todo tipo. Esse não podia ser o **caminho da verdade** procurado por eles.

- 3 **E com avidez eles vos comprarão com palavras inventadas.** Não desejam ser pessoas remidas pelo Senhor; mas pretendem **comprar** para si mesmas os membros da igreja. Aqui aparece outra palavra, que por isso reproduzimos com **comprar**. Esta “compra” dos membros da igreja é algo completamente diferente do remir de Jesus, que empenha seu sangue e sua vida como moeda de troca para pessoas perdidas, a fim de resgatá-las. Abrir mão de algo em favor dos outros: isso é algo que essas pessoas não cogitam! Pelo contrário, querem ganhar algo para si mesmas por meio de seu

grande número de adeptos, a saber, evidentemente vantagens materiais. Naquele tempo as estradas do Império Romano estavam repletas de pessoas de todo tipo, como artistas, músicos ou também propagandistas de quaisquer cultos religiosos ou filosofias, que tentavam meios fáceis para obter dinheiro. Por isso o fato de que também pregadores itinerantes do jovem cristianismo aceitavam donativos ou pagamentos das igrejas (1Co 9.4-11) era algo tão natural que Paulo teve de se proteger expressamente contra a opinião de que obtinha seu sustento pelos mesmos métodos. Portanto, também os novos pseudomestres devem ter recebido e aceito presentes, porque adeptos entusiasmados gostam de dar. Quanto mais membros da igreja os sedutores atraíssem, tanto mais folgadoamente podiam viver.

Eles “compram” as pessoas **com palavras inventadas**, por trás de cujo belo som ocultam sua avidez. Os gregos admiravam a arte da oratória e davam enorme valor a “palavras sublimes e excelsa sabedoria”. Já Paulo, que conscientemente evitava trazer tais coisas, teve de ouvir em Corinto que seu discurso não tinha peso (1Co 2.1; 2Co 10.10). Conseqüentemente, também para as igrejas às quais Pedro escreveu a proclamação apostólica poderia parecer simples e séria demais, enquanto as espirituosas e altissonantes exposições dos novos pregadores atraíam a muitos.

Ainda que tenham sucesso e encontrem aceitação, de nada lhes adianta: Porque **para eles o juízo há muito não sossega, e sua perdição não dorme**. Essa é uma formulação muito expressiva. Ao mesmo tempo em que os falsos mestres se deleitam com o sucesso e vivem uma vida suntuosa, o juízo sobre eles há muito já está pronto e atuante. Ainda sorriem diante de todas as advertências; mas sua perdição não dorme. Portanto não suspeitam, em sua traiçoeira segurança, qual é sua verdadeira condição. A parte fiel da igreja, porém, não precisa invejá-los secretamente, mas deve vê-los como uma caça já cercada pelos caçadores, de modo que não há mais como escapar.

O JUÍZO CERTO SOBRE TODOS OS ÍMPIOS, A REDENÇÃO SEGURA PARA OS DEVOTOS – 2PE 2.4-13A

- 4 – Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas (ou: com correntes das trevas ao Tártaro), reservando-os para juízo;**
- 5 – e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios;**
- 6 – e, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo (de advertência) a quantos venham a viver impiamente;**
- 7 – e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados**
- 8 – (porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles),**
- 9 – é porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo,**
- 10 – especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores,**
- 11 – ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor.**
- 12 – Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos,**
- 13a – recebendo injustiça (ou: sofrendo punição) por salário da injustiça que praticam.**

A passagem não é de leitura fácil. No texto grego os v. 4-8 formam uma única frase, introduzida com “se” e dominada por esse “se”, à qual não sucede nenhuma frase principal com um subsequente “então...”. Para facilitar a leitura dissolveremos a frase do “se” em simples frases afirmativas. Então o v. 9 constituiria a frase principal de encerramento, que tira suas conclusões das anteriores, dos v. 4-8. Todo o trecho está repleto de expressões que praticamente não ocorrem em outras passagens do NT e que por isso não podem ser traduzidas com segurança plena.

No entanto, também no conteúdo há neste bloco várias coisas difíceis de compreender e explicar. De certo modo isso não é diferente nas grandes epístolas do NT, simplesmente porque não

conhecemos suficientemente a situação em relação à qual os apóstolos falam. Mas nas breves cartas de Judas e Pedro isso é mais perceptível ainda. Os destinatários daquele tempo entendiam todas as alusões e, mesmo nas afirmações obscuras para nós eles viam sentido. Nós, porém, não poderemos reivindicar que estejamos dando a única explicação correta em um ou outro ponto. Obviamente ficará suficientemente claro para nós o que o Espírito Santo tem a dizer através de Pedro à igreja daquele tempo e à igreja de todos os tempos.

Este bloco apresenta uma visível concordância com os v. 5-10 de Judas, razão pela qual faremos bem em conferir lá esses versículos. O respectivo comentário à p. ...[263ss] deste capítulo permitirá que sejamos mais sucintos em vários pontos da explicação. Na comparação, porém, também observaremos as diferenças essenciais, que se destacam com clareza. Essas passagens das duas cartas não são “copiadas” uma da outra. A concordância com diferenças típicas também pode ser facilmente explicada de outra maneira.

- 4-6** Está em jogo a verdade que também Judas defende no v. 4. Ninguém consegue escapar do juízo de Deus, independentemente de quais pretensas alturas esteja ocupando. Judas havia destacado que os perturbadores da igreja “perverteram a graça de Deus em devassidão”. Por essa razão seu intuito é mostrar pelo exemplo bíblico que a graça recebida de maneira alguma protege contra o juízo de Deus, mas, pelo contrário, aumenta a responsabilidade. Para Pedro, porém, é importante que além do juízo que seguramente atingirá os culpados, prevalece com a mesma segurança a ajuda salvadora e preservadora de Deus para os “justos” fiéis. Os membros da igreja que permanecem fiéis não devem se deixar intimidar, mas saber com plena certeza que Deus está do lado deles, mesmo que agora sejam desprezados e ridicularizados. Por isso Judas havia trazido como primeiro exemplo bíblico o destino da geração de Israel no deserto, enquanto Pedro o deixa de lado e em troca acolhe a história do dilúvio com a salvação de Noé, que Judas não traz.

Ora, Deus não poupou a anjos que haviam pecado, pelo contrário, banuiu-os para as tenebrosas cavernas do Tártaro (ou: com correntes das trevas no Tártaro) **e os guardou, entregando-os ao juízo.** Pedro fala de “anjos que haviam pecado”, mas também Judas o faz. Diferentemente de Judas, no entanto, ele não afirma em que consistia o pecado dos anjos. Com certeza isso está relacionado com o fato de que ele não queria incluir em suas cartas explicações da literatura edificante judaica, o que Judas faz sem preocupação. Diante do termo **anjo** nós imaginamos inicialmente entes bons e puros. Mas justamente por isso é importante que aprendamos com a Sagrada Escritura que também existem exércitos de anjos caídos que se encontram sob o comando de Satanás. Não sabemos qual é a relação desses anjos maus e demônios, que agora ainda atuam livremente, com aqueles anjos que Deus já **baniu para as tenebrosas cavernas do Tártaro**. Não há como ter certeza se neste caso se trata de **cavernas** ou **correntes** das trevas, porque no grego as duas palavras são muito semelhantes. Os gregos chamavam de Tártaro o local de punição do submundo – uma expressão que já fora acolhida pelo judaísmo. Para Pedro, porém, o **Tártaro** ainda não é o verdadeiro “lugar de punição”, mas a escura prisão subterrânea na qual são **guardados** os anjos caídos, para serem entregues por Deus ao juízo somente no momento da grande prestação de contas final.

- 5 E não poupou o velho mundo, mas somente preservou Noé entre oito** (ou seja, ele e sete outros) **como arauto da justiça, enquanto fez vir o dilúvio sobre o mundo dos ímpios.** Na narrativa do dilúvio, como já em 1Pe 3.20, a salvação de pessoas é tão importante quanto a destruição do **velho mundo, o mundo dos ímpios**, através da condenação do dilúvio. Na arca redentora estavam, incluindo Noé, apenas oito pessoas. Esse é o significado da expressão “**entre oito**”, antiquada para nós, que consta no texto. Em oposição a todo o mundo restante daquele tempo, Noé aparecia **como arauto da justiça**. Noé foi expressamente caracterizado em Gn 6.9 como justo e íntegro, alguém quem andava com Deus. Mas Hb 11.7 designa também a justiça de Noé expressamente como “justiça da fé”, desse modo colocando Noé diretamente ao lado de Abraão, que é a personagem exemplar para a mensagem da justificação de Paulo em Rm 4. No entanto, forçosamente tornou-se um arauto quando, por obediência de fé em Deus, ousou construir um grande navio em meio à terra firme. Que alvoroço certamente causou, com quantas perguntas deve ter sido atormentado! Em sua resposta tinha de falar dos pecados em torno dele, bem como da justiça de Deus e igualmente do juízo vindouro. Pedro deduziu isso corretamente do texto bíblico, embora isso não seja expressamente mencionado nele.

- 6s **Deus reduziu a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra e condenou-as à ruína, criando um exemplo** (de advertência) **para ímpios futuros. Ele livrou o justo Ló, afligido pela conduta devassa dos sacrílegos.** Sobre Sodoma e Gomorra Pedro fala como Judas, embora evidentemente de maneira mais breve e sem especificar seus vícios. Basta que lembre a igreja do acontecido que lhe era familiar: **um exemplo de advertência para descrentes.** Também nas narrativas históricas da Sagrada Escritura na realidade não se trata de “histórias antigas”, mas das revelações do único e mesmo Deus, que age ainda hoje como outrora.
- 8 Diferentemente de Judas, importa para Pedro na seqüência a salvação do **Ló justo**, do qual fala mais pormenorizadamente. Vê nele o **Ló justo, afligido pela conduta devassa dos sacrílegos.** Acrescenta expressamente que, **vendo e ouvindo, teve de deixar supliciar dia após dia sua alma justa por obras injustas.** Também a narrativa da própria Bíblia nos mostra um pouco disso em Gn 19. Pedro transporta seus pensamentos para os sofrimentos íntimos de Ló, para fortalecer membros da igreja que de forma semelhante têm de sofrer com todos os abusos que haviam penetrado na igreja. Era duro ser considerado “estrangeiro” (Gn 19) na própria igreja, ser ridicularizado como retrógrado e obtuso, e talvez até mesmo ser ameaçado pelos novos líderes. “Vejam Ló!”, exclama Pedro para esse grupo da igreja. Fortaleçam-se com o exemplo dele e considerem como ele foi salvo, enquanto os outros pereceram de forma terrível com sua vida desenfreada e seus grandes discursos!
- 9 Em seguida Pedro resume o que nos mostram os exemplos bíblicos: **Portanto o Senhor sabe salvar fiéis da tentação.** Ainda que neste momento os mestres mentirosos triunfem com seus adeptos, sua vida e doutrina não deixam de pertencer aos **injustos, que são guardados para o dia do juízo.** Os fiéis membros da igreja, porém, podem e devem considerar sua condição como **tentação**, como “provação”. Desde que existam pessoas devotadas a Deus é essa sua condição normal no mundo. Seu relacionamento com Deus tem de passar por **tentações.** Do ponto de vista de Deus são “provações” e sondagens, para que nelas a fé comprove sua autenticidade, como o ouro no fogo. Pedro disse isso detalhadamente à igreja em sua primeira carta, confrontando-a com insistência: 1Pe 1.6s; 3.13-17; 4.12-19.
- 10 A partir dessa constatação geral ele torna a olhar para os líderes do novo movimento e começa a caracterizá-los. Os juízos de Deus atingem mais **aqueles que correm atrás de carne com avidez imunda e desprezam o senhorio.** Pedro não usou o adjetivo “imundo”, mas formulou segundo linguajar hebraico: **em avidez da maculação.** Isso pode ser entendido como “avidéz que macula” ou como “avidéz por maculação”. A segunda alternativa, porém, é improvável. Seja como for, estão **atrás de carne.** Como em Corinto, também aqui os inovadores podem ser reconhecidos em sua imoralidade sexual (cf. 1Co 6 e 2Co 12.21). Nessa atitude desprezam **o senhorio**, como consta aqui sucintamente. É bem verdade que no NT também todo um grupo de anjos pode ser chamado de “senhorios”, mas nestes casos a palavra ocorre consistentemente no plural. Visto que aqui, porém, *kyriotes* aparece no singular, o sentido deve ser, como também na carta de Judas, do senhorio do Único, a saber, do *kyrios*, do “Senhor Jesus”. Não se importam com ele, o verdadeiro Senhor, e suas instruções claras e sérias, porque não reconhecem nenhum “senhor” e nenhum “senhorio” sobre si, mas vivem segundo o princípio: “Tudo me é lícito” (1Co 6.12).
- 11 Simultaneamente são **atrevidos** em uma segunda direção: **Não tremem para difamar glórias, enquanto anjos, superiores em força e poder, não apresentam diante do Senhor um julgamento ofensivo.** Novamente Pedro concorda com Judas na crítica aos inovadores (Jd 8b-10a). Mas também aqui ele evita recorrer a um escrito da literatura edificante judaica, razão pela qual não remete à luta de Miguel com Satanás pelo corpo de Moisés. Fala bem genericamente de **anjos, superiores em força e poder**, que apesar disso não apresentam contra **as glórias diante do Senhor um julgamento ofensivo.** Tanto mais ressalta o atrevimento dos hereges, que **não tremem para difamar glórias.** Nem Pedro nem Judas informam o significado concreto disso. Tão-somente podemos reiterar aqui o que foi exposto sobre a passagem na carta de Judas às p. 461ss.
- 12-13a Pedro acolhe a acusação de Judas de que os mestres mentirosos **blasfemam onde não entendem nada**, evidenciando-se assim como mentirosos atrevidos. Gloriam-se de um conhecimento especialmente sublime a respeito do mundo transcendente e apresentam-se como audaciosos lutadores que combatem poderes espirituais malignos. Nisso, porém, ignoram que também esses poderes caídos e malignos não são “carne e sangue”, mas continuam sendo “principados e potestades, dominadores deste mundo tenebroso”, como Paulo define em Ef 6.10-13. Enquanto se

apresentam como singularmente espirituais na igreja, são na realidade **como animais insensatos que como seres da natureza nasceram para a captura e o aniquilamento**. Assoberbar-se tanto e arriscar esse tipo de blasfêmia e luta representa uma perfeita **insensatez** e assemelha-se ao modo como animais avançam sobre algo que não conhecem. Isso obrigatoriamente leva à ruína. O sentido da advertência não é muito nítido: **e em sua perdição também perecerão, prejudicados** (ou: sofrendo punição) **por meio do salário da injustiça**. A locução **em sua perdição** somente pode referir-se aos animais que **como seres da natureza nasceram para a captura e o aniquilamento**. De algum modo o fim dos falsos mestres se parecerá com o fim e a ruína de tais animais. A primeira frase do v. 13 apresenta dificuldades lingüísticas. *Adikeo* significa “praticar injustiça”. Em consonância, a voz passiva deveria significar “sofrer injustiça”. Mas Pedro não pretende dizer que esses falsos mestres, tão duramente acusados, sofrem injustiça. Mas também em Ap 2.11 a palavra apenas visa expressar que ao vencedor não “acontece nenhum mal”, não é causado nenhum dano (pela segunda morte). Os hereges, em contrapartida, **são prejudicados exatamente pelo salário da injustiça** ou **sofrerão punição** na qual **recebem o salário da injustiça**. Também poderia significar: serão privados de seu salário, que agora parecem obter de seu agir injusto e que um dia esperam alcançar definitivamente. Seja como for: por mais “atrevidos e autocráticos” que pareçam andar em altitudes especiais e prometam à igreja conduzi-la do cristianismo supostamente estreito e pobre para essas alturas, na realidade seu fim será lastimável. Assim a igreja não precisa se deixar desencaminhar por eles.

DURA CARACTERIZAÇÃO DOS HEREGES – 2PE 2.13B-22

- 13b – Considerando como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia, quais nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações (ou: em suas ágapes), enquanto banqueteiavam junto convosco.**
- 14 – tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis (ou: incansáveis) no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos (ou: da maldição).**
- 15 – abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça,**
- 16 – (recebeu, porém, castigo da sua transgressão, a saber, um mudo animal de carga, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta).**
- 17 – Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negridão das trevas,**
- 18 – porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnisais, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro.**
- 19 – prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor.**
- 20 – Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro.**
- 21 – Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado.**
- 22 – Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.**

13b Pedro continua caracterizando e condenando os falsos mestres e seus seguidores. Novamente ocorrem fortes semelhanças com a carta de Judas. Mas também aqui fica explícito que as frases de lá não foram simplesmente inseridas. Notamo-lo ao comparar Jd 12 com aquilo que consta aqui: **Consideram divertimento a luxúria em dia** (claro), **como máculas e imundícies, depravando-se em suas defraudações** (ou: em seus ágapes), **banqueteando-se convosco**. Os orientais tomam a refeição principal à noite. Apesar de toda a devassidão do mundo daquela época, Paulo pode constatar como fato: “Os que se embriagam, é de noite que se embriagam” (1Ts 5.7). Da mesma forma Pedro pode refutar a suspeita de embriaguez do grupo de discípulos no dia de Pentecostes por meio da simples observação de que, afinal, são apenas nove horas da manhã. Os homens da nova liberdade, porém, se divertem ao festejar seus banquetes em plena luz do dia. Se Pedro de fato

escreve **em suas defraudações**, provavelmente pretende dizer que participavam de forma fraudulenta das refeições da igreja, embora já nem sequeroubessem ali. Agindo assim, deturpavam a singela convivência em torno da mesa, direcionada para a celebração da ceia do Senhor, em “banquetes” e **luxúria**, que assim se tornaram **mácula e imundície**.

- 14 É preciso inserir neste contexto o versículo seguinte: **com olhos cheios de adultério, e insaciáveis** (ou: incansáveis) **no pecado, aliciando almas inconstantes, com um coração exercitado na avidez, filhos da maldição**. Na refeição comunitária olham em busca de mulheres com as quais seja possível iniciar relacionamentos adúlteros, também nisso **máculas e imundícies**, que levam sua impura sofreguidão de maneira contaminadora para dentro das assembleias, **sem sossego** (ou: incansáveis) **no pecado**. Uma vez que os limites claros foram transpostos e que se dá vazão às pulsões mediante alegação de “liberdade”, continua-se sem sossego e incansavelmente nessa trajetória. Esse convívio à mesa é ao mesmo tempo ocasião para **aliciar almas inconstantes**. Logo já existia naquele tempo, assim como hoje, almas inconstantes que são agitadas por “qualquer vendo de doutrina”. Pedro percebe a miséria de forma mais fundamental que Judas. Sem dúvida, essas almas inconstantes são bastante ingênuas em todos esses acontecimentos, mas não deveriam sê-lo em virtude de suas experiências com a natureza e o poder do pecado, bem como devido às suas sólidas raízes na palavra do Senhor e de seus apóstolos. Certamente um conselheiro espiritual ficará atemorizado ao constatar nessas pessoas ingênuas os **corações exercitados** dos sedutores, treinados em toda sorte de ardis e perfídias para alcançar o objetivo de sua ganância. O que pretendem “ganhar” com isso, afinal? Poder e influência na igreja, justamente entre os recém-convertidos. Mas, além disso, sua influência, como vimos acima, p. 274, também lhes rende ganho pecuniário. Aqui o princípio paulino “não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros.” (2Co 12.14) foi transformado no oposto. Por isso Pedro chama seu esforço de **aliciamento**. Considera que esse é o motivo do “sucesso” da nova corrente. Aqui pessoas não são convencidas e conquistadas com clareza e seriedade, mas são “enganadas com falsas promessas”, onde o bordão do livre extravasamento como verdadeira “liberdade cristã”, de um “pneumático forte” (1Co 8.7-13) deve ser a “isca” especial. Pedro profere uma dura sentença sobre os sedutores: não são pessoas de bênção, mas **filhos da maldição** (cf. Ef 2.3; 2Ts 2.3). Levam à perdição muitas pessoas na igreja e além disso caem pessoalmente na perdição debaixo da maldição de Deus.
- 15s Judas caracterizou os hereges apontando para Caim, Balaão e Coré. Pedro cita somente Balaão, mas fala dele mais pormenorizadamente que Judas. **Abandonaram o caminho reto e se desviaram; seguiram o caminho de Balaão, filho de Beor, que amava o salário da injustiça, mas recebeu repreensão por sua transgressão. Um mudo animal de carga, falando com voz humana, embargou a insensatez do profeta**. Conforme depreendemos de Ap 2.14, Balaão deve ter se tornado, para grande parte do primeiro cristianismo, uma personagem típica, sem que fosse levada em conta toda a narrativa bíblica (Nm 22-24; 31.8,16). Por meio de sua imagem fica explícito que pessoas da própria igreja, ou seja, “cristãos” e, em parte, homens com “dons” proféticos e outros, podiam se tornar a perdição da igreja. As duas vigorosas pulsões, contra cujo poder os apóstolos repetidamente advertem, o desejo sexual e o desejo de posse, também podem vir a dominar pessoas espirituais, ainda mais quando se agrega a elas a ambição e o anseio por influência. É então que se abandona o **caminho reto**. Primeiro ocorre somente um desvio insignificante, que talvez nem seja notado, mas que não obstante leva o desviado à perdição e, por meio dele, igualmente traz perdição para dentro da igreja. A personagem Balaão deve servir para nossa advertência, assim como ele mesmo foi particularmente advertido por meio de sua jumenta. Que vergonha, quando um **mudo animal de carga** tem de impedir a **insensatez**, a demência, de um **profeta**!
- 17 De forma mais sucinta que Judas, Pedro caracteriza a profunda decepção que os novos mestres trazem a todos que os seguem: **São as fontes sem água e nuvens de neblina tangidas pelo temporal**. Essas ilustrações só se tornam plenamente compreensíveis no Oriente, onde a água representa uma grande preciosidade. Que coisa terrível quando o viajante se depara com a seca na conhecida fonte em que pretendia se refrigerar! Ou quando as nuvens que se formam não trazem a esperada chuva, mas passam fustigadas pela tempestade, como nuvens de neblina. É assim que os desencaminhadores enganam a todos que esperam deles, de forma especial, a “água da vida”. Por isso também lhes **foi guardada a escuridão das trevas**.

- 18 Obviamente os adeptos da nova tendência ainda não percebem como estão sendo ludibriados. Os sedutores têm sucesso: **Proferindo palavras jactanciosas e não obstante vazias, engodam com desejos da carne por meio de libertinagem aqueles que acabam de escapar daqueles que andam no erro.** Portanto, entendemos corretamente o v. 14! As grandiosas palavras dos novos mestres encobrem que aqui a “fonte” não produz água. Contrastando com a mensagem simples e séria dos apóstolos, proferem palavras **jactanciosas**. Os ingênuos nem sequer percebem como essas “espirituosas” pregações na realidade são “nulas” e “vazias”. Além disso, não notam que são cativados pelos **desejos da carne e engodados por meio de libertinagem**. Já no v. 14 Pedro falou de almas inconstantes. Não são membros eclesiais de muitos anos e com sólida formação que caem na conversa dos novos, mas os recém-convertidos, que **acabam de escapar daqueles que andam no erro**. Afinal, naquele tempo não exista um “ambiente cristão”, nem povos condicionados pelo cristianismo. Parte dos ouvintes vinha do antigo mundo gentílico e de um convívio em que se estava acostumado, como alvos naturais de vida, à máxima liberdade sexual, bem como à riqueza e ao luxo. Haviam se deixado chamar para fora de tudo isso e conquistar para o caminho da pureza, da humildade e da renúncia à ascensão mundana. Agora, porém, fora-lhes anunciado com entusiasmo e dinamismo um “cristianismo” no qual podiam retomar a antiga vida mesmo como “cristãos”.
- 19 Sim, desse modo seriam pessoas de Deus realmente “livres” que se elevam muito acima dos estreitos e precários membros da igreja à moda antiga: **prometem-lhes liberdade**. Vemos que é o mesmo slogan de liberdade proclamado em Corinto. Logo deve ser também o mesmo movimento que invadiu as igrejas de maneira destrutiva tanto aqui quanto lá. É por isso que Pedro põe imediatamente o dedo na ferida, com toda a clareza, apontando a inverdade inerente a essa espécie de “liberdade”. Os que se entusiasma com a “liberdade” e a oferecem como a grande conquista de um novo cristianismo, são pessoalmente escravos da perdição. Como assim? **Porque alguém é escravizado por aquilo a que sucumbe**. As pessoas da nova tendência sucumbem a suas pulsões e são escravizadas por elas. Experimentam a verdade da palavra de Jesus: “todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). Nem sequer aceitamos a verdadeira liberdade que o Filho de Deus nos deseja presentear.
- 20-22 Os líderes e adeptos da nova tendência eram e são membros da igreja que passaram por um arrependimento decidido ao se tornarem “cristãos”. Pedro lança um retrospecto sobre o caminho deles: porque **escaparam das contaminações do mundo pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo**. Os que agora se gloriam de sua percepção de gnósticos obtiveram anteriormente um conhecimento genuíno, que não somente consistia de um ensinamento ou de um sistema doutrinário filosófico-religioso, mas de **conhecimentos do Senhor e Salvador Jesus Cristo**, sendo, por isso, como tal, força redentora e libertação para uma nova vida. Libertos da dominação das pulsões naturais, haviam sido transferidos para a direção de um novo “Senhor”. Era “conhecimento” de uma pessoa e por isso simultaneamente ligação pessoal. Debaixo desse novo “Senhor” haviam **escapado das contaminações do mundo**, assim como um detento escapa de uma prisão. Agora, porém, aconteceu **que se deixam enredar novamente nelas e lhes sucumbem**. Logo não apenas está em jogo uma concepção um pouco diferente de cristianismo, que poderia ser tranqüilamente tolerada, mas de uma mudança existencial para pior, de uma recaída, mas que não leva simplesmente de volta à condição anterior. Não, para eles **o último tornou-se pior que o primeiro**. Isso é tão assustador e pernicioso que Pedro tem de explicar: **Pois seria melhor para eles que nem sequer tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, tendo-o conhecido, afastar-se de novo do santo mandamento que lhes fora dado**. Não existe um afastamento “inofensivo” da verdadeira existência cristã. A carta aos Hebreus fala da apostasia com extrema seriedade em Hb 6.4-8. Também a nova tendência que Pedro rejeita de maneira tão severa não é uma “linha” no seio de um cristianismo genuíno, mas compõe-se de manifestações similares às que Paulo caracteriza em 1Tm 6.3-5; 2Tm 2.14-18. O fato de Pedro salientar o **caminho da justiça** e o **santo mandamento que lhe fora dado** está em consonância com toda a luta do NT contra o gnosticismo. Contudo nem Paulo, nem João, nem Pedro se envolvem em discussão teológica sobre determinadas “heresias” dos adversários. A rejeição categórica dirige-se contra **o caminho** que o novo movimento percorre e apregoa nas igrejas, contra toda a sua atitude de vida, condenando a ausência do verdadeiro “amor”. Conseqüentemente Pedro também não lamenta aqui o afastamento de determinadas “leis”. Fala no singular acerca do **santo mandamento**, do mandamento do amor, que corresponde à natureza de Deus e por isso é santo. Discípulos de Jesus verdadeiramente livres, amorosos e humildes, se transformaram em

pessoas orgulhosas, petulantes, indisciplinadas e sem amor, que confundem e perturbam a igreja. Com dois verbos, locuções proverbiais, Pedro caracteriza no final a “guinada” que é enaltecida pelos hereges e elogiada como virada para um cristianismo superior. Na realidade essa “guinada” tem um aspecto bem diferente: **Condiz com eles** (ou: aconteceu com eles) **o que diz o provérbio verdadeiro**: “Um cão se volta ao próprio vômito” e “uma porca lavada torna a se revolver no lamaçal”.

ESTÁ EM JOGO A EXPECTATIVA DE FUTURO – 2Pe 3.1-13

- 1 – Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida,
- 2 – para que vos recordeis de palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, (ensinado) pelos vossos apóstolos.
- 3 – tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões:
- 4 – e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.
- 5 – Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus,
- 6 – pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água.
- 7 – Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.
- 8 – Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.
- 9 – Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânime para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.
- 10 – Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas (ou: queimadas, no juízo).
- 11 – Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,
- 12 – esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão.
- 13 – Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.

Neste ponto pode-se notar uma clara incisão na carta. Pedro encerrou a caracterização dos falsos mestres. Agora ele se volta para outra preocupação central do escrito, já enfocada no início (2Pe 1.10s; 1.19-21), dialogando detalhadamente sobre ela com a igreja. Trata-se da “escatologia”, da expectativa futura de cunho bíblico realista. A “doutrina da redenção” do gnosticismo dá a ela tão pouca importância quanto dá à vinda de Jesus “na carne” para a salvação dos perdidos por meio de seu sangue na cruz. Com cômodo deboche descarta-se a esperança pelo fim dos tempos, o que evidentemente trouxe aflição à igreja (v. 3s).

- 1s É precisamente por isso que Pedro escreve uma “segunda carta”. A partir desse dado compreende-se de imediato que ela deve ser consideravelmente diferente da primeira. **Essa já é a segunda carta, amados, que vos escrevo, na qual pretendo manter acordado vosso entendimento puro através de recordação, para serdes cientes das palavras anteriormente proferidas por santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador** (anunciado) **através de vossos apóstolos**. As exortações apostólicas estão sempre caracterizadas pelo fato de que partem daquilo que a igreja já possui e sabe. Pedro não tinha nada de novo para trazer à igreja. Mas aquilo que os cristãos “sabem” e “crêem” não continua automaticamente vivo e eficaz em seus corações. Precisam da **recordação** e de que sejam mantidos **acordados**. Ainda mais quando precisam se afirmar contra fortes tendências e influências de outra espécie. Pedro pressupõe para isso um **entendimento puro** que por si só já repele coisas estranhas e impuras, mas que precisa ser mantido acordado com autoridade apostólica. Assim como

Pedro já conclamou ao apego à palavra profética em 2Pe 1.19, assim exorta a igreja também agora para que esteja **ciente de palavras anteriormente proferidas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador** anunciado **por vossos apóstolos**. Dentre os escritos da antiga aliança revestem-se de importância **as palavras anteriormente proferidas pelos santos profetas**, porque particularmente o futuro está em jogo. A “lei” como tal foi substituída pelo “novo mandamento”, proclamado por nossos apóstolos. Contudo esse “novo mandamento” está firmemente conectado com a expectativa de futuro. Os v. 11-13 mostrarão isso com clareza. Sim, a espera pelo Senhor que retorna constitui parte inerente do **mandamento**, da instrução e exigência do Senhor a seus seguidores. A expressão **através de vossos apóstolos** aponta para o fato de que várias pessoas do grupo dos “Doze” trabalharam naquelas igrejas, ou então, em um sentido mais amplo, para a palavra “apóstolo” aqui, porque os “mensageiros” na realidade atuaram na constituição de várias das igrejas destinatárias. O que os apóstolos trouxeram é **o mandamento do Senhor e Salvador**. Com toda a certeza Jesus é Senhor e Salvador desde já. Todo cristão que abraçou a fé o experimentou pessoalmente. Mas ao mesmo tempo esse título de Jesus sempre aponta poderosamente para o futuro! Jesus somente será verdadeiramente **Senhor** com sua nova presença. Assim constatamos em Fp 2.9-22 e 1Co 15.24-28. Só então sua maravilhosa obra como Salvador estará consumada e terá chegado ao alvo.

3s Como é decisiva essa expectativa futura, da qual todo o NT está repleto! Tanto mais assustador é quando ela é violada e esvaziada ou modificada! Então não se contesta apenas uma doutrina isolada, quiçá dispensável, da mensagem, mas extirpa-se o cerne do próprio evangelho. É exatamente isso, porém, que acontece nas igrejas às quais esta carta se dirige. **Deveis reconhecer primeiro que nos últimos dias virão escarnecedores com escárnio, andando segundo as próprias concupiscências e dizendo: Onde está a promessa de sua parusia? Porque desde que os pais adormeceram tudo permanece como foi desde o início da criação. Escarnecedores com escárnio** acerca do centro da mensagem bíblica. O fato de Pedro conseguir indicar este prenúncio do surgimento de escarnecedores para os últimos dias é um grande auxílio na formulação da frase. Nesse prenúncio não estão em jogo determinadas comprovações nas Escrituras, mas apenas que a igreja, ouvindo, apavorada, o escárnio, não precisa temer a possibilidade de que também Deus estaria surpreso e apavorado. Esse surgimento dos **escarnecedores** faz parte dos **últimos dias** (cf. Jd 17s). Para a igreja é útil que ela receba imediatamente a elucidação da verdadeira causa radical desse escárnio: o escárnio parte de pessoas **que andam segundo suas próprias concupiscências**. Quem sucumbiu ao comando de suas pulsões naturais deixa de ter ouvidos para a proclamação da volta de Jesus: esta causa-lhe irritação, aversão, tornando-se cada vez mais inverossímil, e até mesmo ridícula. Não quer aceitá-la como verdadeira, porque tem medo do juízo vindouro e da sentença sobre sua vida. Por essa razão, para ele é uma iluminação triunfal poder indagar com escárnio: **Onde está a promessa de sua parusia? Porque desde que os pais adormeceram, tudo permanece como foi desde o início da criação.**

Os “pais” da igreja, uma série de primeiros cristãos, que como Paulo contavam integralmente com o fato de que experimentaríamos pessoalmente a nova vinda de Jesus, haviam adormecido. Sabemos que essas mortes trouxeram dificuldades internas na igreja em Tessalônica. A parusia não havia acontecido conforme se esperava, como evento iminente, antes que a morte pudesse alcançar membros da igreja. Nesse aspecto de fato um abalo profundo se aproximava das igrejas. Realmente, **onde está a promessa de sua parusia?** Tudo permanece inalterado como sempre foi! No entanto, o que sobra, então, de toda a mensagem? Entre os escarnecedores podem ter existido vários que se refugiavam no **escárnio** para lidar com sua decepção.

5s Diante disso, o que precisa ser dito? **Os que querem** (ou: afirmam) **isso ignoram que desde os primórdios havia céus e terra que consistiam de água e eram preservados da água pela palavra de Deus, através da qual pereceu o mundo de então** (ou: mundo humano), **alagado por água**. Os “escarnecedores” argumentavam com a imutável solidez da natureza. “Continua tudo como era no começo da criação.” Entretanto, será de fato que tudo sempre permaneceu assim? Porventura esqueceste a catástrofe do dilúvio? Realmente **ignora** toda a insegurança que pairou desde o começo sobre a criação. **Afirmas**, ou como diz literalmente no grego, **quereis** algo que não corresponde aos fatos. De acordo com a narrativa da criação em Gn 1.2, a terra foi criada **das águas**, sobre as quais pairava o Espírito de Deus. Não sabemos por que a terra também era **preservada pela água**. O essencial, contudo, é que criação e preservação da terra não eram ilustradas com mitologias

como nas demais religiões da Antigüidade, mas existem unicamente “por força da palavra de Deus”. Por mais inabalavelmente sólido que o mundo pudesse parecer à geração do dilúvio, foi de fato pelas águas que **pereceu o mundo de então** (ou: mundo humano), **alagado por água**. Visto que na ocasião a terra em si de forma alguma foi destruída pela torrente, será preciso traduzir nesta frase a palavra *kosmos* por “mundo humano”, para o que o próprio uso lingüístico nos autoriza. Ainda que naquele tempo tudo tenha permanecido “assim como era desde o início da criação” por longos períodos, deixando os seres humanos seguros em sua vidinha costumeira (Mt 24.37-39), de modo que o anúncio do juízo de dilúvio por Noé lhes parecia “ridículo”, não obstante Deus mantinha de prontidão os meios para a execução de sua ira. Sem dúvida a promessa de Deus agora, depois do dilúvio, paira sobre mundo (Gn 9.11): não virá outro dilúvio sobre a terra. Contudo isso não dá garantias a ninguém contra o vindouro juízo final através do fogo, acarretando o fim absoluto de tudo o que atualmente existe no mundo.

- 7 **Os atuais céus e a terra, porém, foram guardados pela mesma palavra para o fogo, preservados para o dia do juízo e da destruição das pessoas ímpias.** É verdade que também outros povos pressentem algo do iminente incêndio do mundo. Mas também aqui não se detalham pressentimentos e expectativas que existiam de múltiplas formas naquele tempo, ainda que fossem mencionados para atacar a segurança dos escarnecedores. Existe um fundamento completamente diferente para o olhar em direção ao futuro: a palavra de Deus! Com certeza foi a promessa de Deus que até agora propiciou ao mundo aquela solidez em que se apóiam os escarnecedores. Porém com essa medida Deus **guarda o mundo** para seu grande objetivo. Esse objetivo é também **juízo e destruição** para as **pessoas ímpias**. No testemunho do AT a ira de Deus é muitas vezes descrita como “fogo”. Palavras proféticas como Is 33.11ss; Jl 2.3; Zc 12.6 e Ml 3.2 falam inequivocamente do futuro juízo de fogo. Também aqui Pedro permanece firmemente embasado na palavra profética. O juízo atinge **as pessoas ímpias com destruição**.
- 8 O juízo, agora não com “água”, mas de forma muito mais terrível e radical com “fogo”, vem tão certamente quanto a palavra de Deus é verdade inabalável (cf. Sl 33.9). “Mas onde ele ficou?”, indagarão novamente os adversários, assim como os escarnecedores de Isaías também já exigiam sarcasticamente que Deus finalmente fizesse acontecer tudo o que o profeta vinha ameaçando há tanto tempo (Is 5.18s). Pedro encara a questão, que naquele tempo se impunha a muitos, de forma aterradora e disseminava insegurança, buscando a resposta no Sl 90. **Uma coisa, amados, não deve permanecer oculta, que um único dia (é) perante o Senhor como mil anos, e mil anos como um único dia.** Ou seja, Pedro não faz o que muitos já empreenderam, apesar da palavra do próprio Jesus em Mt 24.36,42; 25.13: fazer cálculos a partir de determinadas afirmações proféticas a fim de poder definir e fundamentar a hora muito posterior da parusia. Por meio do Sl 90 ele constata simplesmente que a cronologia de Deus é completamente diferente da nossa. Se perante Deus mil anos são apenas como um dia decorrido rapidamente, a chegada do Senhor está “próxima”, apenas “daqui a alguns breves dias”, ainda que ocorra somente depois de séculos.
- 9 No entanto, igualmente está errada toda a concepção interior quando no seio da igreja se fala de um “retardamento” da parusia. Humanamente isso de fato era plausível, mas por trás dessa palavra havia uma profunda ignorância acerca de Deus. Pedro corrige isso. **O Senhor não retarda a promessa, como alguns julgam como retardamento, pelo contrário, ele é paciente para convosco, porque não deseja que alguns pereçam, mas que todos cheguem ao arrependimento.** Deus não é remisso no cumprimento de suas promessas. Se ele ainda “demora” para executar o juízo final, a razão é outra, que reside na natureza mais profunda de Deus, em sua **paciência** ou “magnanimidade”. Os escarnecedores e, na parte fiel da igreja, os insatisfeitos não devem esquecer que o almejado dia de Deus também trará o juízo! Por meio do “retardamento” de seu dia Deus ainda propicia um tempo para o **arrependimento**. Analisando sua situação, olhando para os membros atribulados, inseguros, novamente assaltados por antigas paixões, será que a igreja deveria ser grata pelo fato de ainda restar tempo de clemência? Do contrário, não **pereceriam alguns** que talvez ainda poderiam ser salvos e se corrigiriam? Quem lamenta o **retardamento** da parte de Deus enfoca unilateralmente apenas a salvação e apenas a si mesmo, e talvez até mesmo isso com falsa segurança. Afinal, o discípulo de Jesus deveria ter profunda compaixão para com aqueles que correm o risco de perecer, alegrando-se por isso com a espera magnânima de Deus, da qual ele mesmo talvez também tenha necessidade. Nessa afirmação o olhar do apóstolo está integralmente voltado para a igreja, e ela também vale apenas em vista dela. Os **alguns** que correm o risco de perecer, mas em vista do retardamento do dia

de Deus ainda podem chegar ao arrependimento, na realidade não são pessoas afastadas, mas membros da igreja.

10 Virá, entretanto, o dia do Senhor, isso é certo. Evidentemente Pedro volta a salientar que é impossível de calcular a hora. **O dia virá como um ladrão**, ou seja, de forma totalmente imprevisível, inesperada e surpreendente. A condição de todo o nosso pensar é a simultaneidade de certeza e incerteza. Jesus afirmou isso de maneira muito enfática (cf. Mt 24.42-44), e seu apóstolo Paulo acolheu essa palavra particularmente em 1Ts 5.2, assim como o apóstolo Pedro faz aqui. Quanta necessidade temos nós dessa “incerteza”, para nos mantermos vigilantes e prontos e nos protegermos contra a falsa segurança, assim como ela, em Mt 24.48-51, leva o servo à destruição. Os escarnecedores ignoram a gravidade da situação, igualando-se na conduta àquele servo (v. 3).

No entanto, cumpre – como Amós já advertiu seus contemporâneos em Am 5.18-20 – não ignorar a característica séria e terrível do **dia do Senhor**. Nele **os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão encontradas** (ou: queimadas, no juízo). Quem ouviu o “estrepitoso estrondo” do alarme antiaéreo, quem tem conhecimento da “fissão nuclear” e do desencadeamento de forças gigantescas que destroem com ardor extraordinário, compreenderá essas narrativas bíblicas com plasticidade totalmente nova. O fato de que além dos céus e da terra ainda serem citados especialmente os **elementos que se desfazem abrasados** visa explicitar como o aniquilamento chega até os componentes mais profundos e até os fundamentos da constituição do mundo antigo.

A palavra final do versículo é complicada. Mais bem documentada, e por isso também adotada por Nestle em sua edição grega, é a palavra **ser encontrado**. Contudo, o que ela significa? Nesse caso é preciso acrescentar “no juízo”. Há certa razão nisso, porque “ser encontrado” é usado com bastante frequência em “sentido judicial”. A variante, porém, continua complicada, e não causa surpresa que em muitos manuscritos disponíveis foram feitas tentativas de alteração. A partir de toda a imagem do “juízo de fogo” o mais plausível é substituir **ser encontrado** por **queimar**, que em certa medida tem um som semelhante a **ser encontrado** no juízo. Afinal, “no juízo” serão sempre “encontradas” apenas as pessoas com suas obras. De acordo com o testemunho bíblico, no entanto, isso acontecerá mais tarde, diante do grande trono branco (Ap 20.11). As “obras” que então virão à luz na abertura dos livros são as obras humanas e não podem ser abarcadas pela expressão **a terra e as obras nela**. Pelo contrário, aqui o apóstolo descortina diante de nós tudo o que as pessoas produziram e construíram de “grandioso” na terra, o que elas admiram com grande orgulho. No dia do Senhor, porém, tudo isso queimará e nada será duradouro. Logo existem razões de peso para essa alteração textual.

11 Visto que todas essas coisas se desfarão assim, de que modo deveis ser então, em santa conduta e devoção! É típico do NT que a escatologia nunca serve apenas ao conhecimento e à clareza doutrinária, mas que os ouvintes da mensagem sejam também imediatamente remetidos para as conseqüências práticas em sua vida. Se o futuro do mundo e da humanidade for assim, **de que modo deveis ser então!** Que impulso para a **santa conduta e devoção** emana do conhecimento claro acerca do futuro!

12 A frase, porém, contém simultaneamente uma pergunta aos impacientes, que acusam Deus de retardamento. **Vós que esperais e ansiais com pressa pela parusia do dia de Deus**, será que estais prontos e preparados “em santa conduta e devoção”? O termo acrescentado a “esperar”, *spseudo* (ansiar para que venha), a rigor significa “apressar”, “acelerar”. Talvez também devamos traduzi-lo assim nesta passagem. Entre os “impacientes” poderiam estar pessoas que conforme o exemplo de teólogos judeus de fato acreditavam poder acelerar a vinda do dia de Deus com seus esforços ético-religiosos. E não é a insistente oração e súplica da igreja, elevada pelo próprio Espírito Santo, em prol da vinda de seu Senhor (Ap 22.17,20) que constitui uma “aceleração” eficaz dos acontecimentos do fim? Em todo caso são essas pessoas em oração que não apenas **esperam** pelo dia, mas **anseiam** por ele **com pressa**. Porventura não é a igreja aflita que tem todos os motivos para tal anseio e oração, que então na realidade também visa representar o chamado “da noiva”, i. é, de toda a igreja crente? Cf. Lc 18.1ss. Contudo não cabe ser impaciente de forma errônea, mas manter o foco na gravidade do dia almejado e até então de fato remir o tempo.

Por isso o apóstolo também volta a exortar a igreja para que considere como é terrível a **parusia do dia de Deus**. **Por causa dele os céus se desfarão no fogo, e os elementos abrasados se derreterão**. A vinda de Jesus não é simplesmente mera alegria pessoal dos crentes, mas, pelo

contrário, leva à catástrofe mundial de proporções inimagináveis. Na certa isso torna a nossa espera muito séria.

- 13 Entretanto a catástrofe em si da ruína do antigo edifício universal ainda não é alvo e fim do grandioso plano divino. Não, o Deus vivo, revelado a nós em Jesus, seu Ungido, dirige-se, até mesmo em todo o seu agir no juízo, a um alvo positivo e glorioso. Quando enviou o Messias, atuando através dele na terra e depois continuando essa atuação através de seus mensageiros autorizados pelo Espírito Santo, disseminando-o por todos os países e continentes até hoje, estava em jogo a salvação dos perdidos, a libertação dos cativos, a cura dos enfermos, o retorno dos desencaminhados. – Sim, o conserto do terrível dano que o diabo havia impetrado contra a humanidade. Esse conserto deve, enfim, levar à implantação da justiça perfeita. Esse é o glorioso alvo final que aqui é parafraseado com as palavras que formam o auge de todo o bloco: **Novos céus, porém, e nova terra aguardamos nós segundo a sua promessa, nos quais habita justiça.**

Quanta necessidade temos nós, cristãos de hoje, de ouvir essa frase! Temos atrás de nós séculos de individualismo, onde em geral o indivíduo – em última análise nossa própria pessoa – ocupava o centro de tudo. O que será de mim ao morrer, será que serei bem-aventurado? Com certeza também essas indagações são importantes, para as quais precisamos e haveremos de obter resposta. Agora, porém, quando Pedro fala do futuro e da expectativa futura, elas não têm importância, ou se dissolvem nas grandes coisas de Deus que vêm ao nosso encontro. O que significará, então, “ser bem-aventurado”? Eu, como indivíduo, só consigo realmente ser feliz se puder viver com inúmeros outros em um novo céu e uma nova terra, nos quais finalmente **habitará justiça**. Nessa formulação somos alertados para a verdade de que a justiça é um poder próprio, objetivo, que por assim dizer “reside” na nova terra, ordenando e desdobrando nela todas as coisas. Jesus acreditou que pessoas libertas de sua velha natureza egocêntrica pelo seu sangue ouvirão de coração aberto e amoroso o “gemido da criatura” (Rm 8.23) e que terão fome e sede de justiça. Foi essa grande esperança de futuro do incipiente cristianismo que chamava especial atenção em seu contexto, levando pessoas a questionar. Foi o que Pedro declarou em 1Pe 3.15. Dar explicação sobre essa esperança e seu fundamento é a incumbência missionária que, para ser preenchida, pressupõe o alegre preenchimento com essa esperança.

Há muito tempo grande número de pessoas opina que as coisas velhas de nada valem, que tudo precisa se tornar novo. Contudo, quem de fato é capaz de realmente renovar tudo, até as mais íntimas profundezas? Quem, afinal, é capaz de criar o novo mundo, no qual a “justiça” não apenas é almejada ou demandada, mas no qual a justiça de fato “habita” e configura todas as coisas? Como os primeiros cristãos chegaram a esse “esperar”? Pedro diz inequivocamente: aguardamos esse novo mundo **segundo a sua promessa**. Novamente não se trata de descrições mitológicas nem planos cristãos de melhora do mundo, mas somos enviados unicamente à límpida palavra de Deus. Pedro não diz se encontrou essa “sua promessa” no AT, ou se tem em mente a proclamação que ouviu pessoalmente de Jesus. Mas não é de “mitologia”, porém da confiança na palavra veraz do Deus vivo que vivem as pessoas na Bíblia, de Abraão até a igreja de Jesus. Por isso falta em Pedro também qualquer lapidação mitológica do novo mundo. Pedro não diz palavra alguma sobre o aspecto da **nova terra**, sobre a maneira como viveremos nela. Basta-lhe uma só coisa: é o novo mundo de Deus que será cheio de “justiça”.

EXORTAÇÃO FINAL – 2PE 3.14-18

- 14 – Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis.
- 15 – e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada,
- 16 – ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles.
- 17 – Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza.

18 – Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno.

- 14** Por isso, amados, esperando essas coisas, empenhai-vos para serdes encontrados em paz diante dele sem mácula e infâmia. Mais uma vez Pedro se preocupa com a necessária decorrência prática da expectativa escatológica. É muito importante para ele que toda a “esperança” dos cristãos não fique atolada no mero “saber” ou até mesmo se deturpe em venturosos devaneios, mas que determine a vida real de forma plena e cabal. Pedro sabe que nenhum cristão já está “pronto” com a conversão e o renascimento. Por isso encoraja no v. 18 os membros da igreja a “crescerem”. Agora pensa em quantas coisas ameaçam nos macular na trajetória de fé e de fato nos contaminam. No entanto, será que podemos viver no reino da justiça, contaminados por máculas? Desejamos ser encontrados com manchas **diante dele**, a quem aguardamos com tanta urgência e que tem olhos como labaredas de fogo? Então não poderíamos aparecer diante dele **em paz**. Novamente ressoa a palavra do **ser encontrado**, que também aqui possui uma conotação de juízo (cf. v. 10). Não era preciso dizer à igreja como podemos ser purificados de manchas e máculas. O ensino apostólico já lhe ensinou como a “purificação” pode acontecer e a pureza, ser mantida (1Jo 1.7,9; 3.3). Também instruções como as dadas insistentemente por Pedro na primeira carta (1Pe 1.13-22; 2.1s,11s) precisam de fato ser obedecidas. Faz parte disso um “empenho” sincero que ao mesmo tempo também se esforça atentamente para evitar qualquer “contaminação da carne e do espírito”. Isso acontece na clara e firme permanência em Jesus (1Jo 3.6), na obediência à direção do Espírito Santo e na clara rejeição ao mundo e sua natureza (1Pe 4.4). Essa é uma atitude que forma um contraste absoluto com os devaneios de liberdade dos sedutores. A igreja deve permanecer firme e claramente na instrução apostólica.
- 15** Na seqüência ocorre uma frase que se volta mais uma vez aos “impacientes”, retomando o v. 9: “Se o fim” ainda não chegou, não queremos murmurar nem nos queixar, mas nos alegrar com o fato de que a longanimidade de nosso Senhor significa a salvação para muitas pessoas. E também nós mesmos poderíamos perder facilmente a salvação se nosso Senhor não nos carregasse com tanta paciência e não nos ajudasse com tanta magnanimidade a sair novamente de vários descaminhos e de grande mornidão.
- 15s** Pedro não está sozinho com sua exortação. Com ênfase ele acrescenta isto às suas próprias palavras: **Como também nosso amado irmão Paulo vos escreveu segundo a sabedoria que lhe foi dada, como também em todas as cartas em que fala desses assuntos. Neles algumas coisas são difíceis de entender, o que os ignorantes e inconstantes distorcem, assim como as demais passagens da Escritura, para sua própria perdição.** Não é possível verificar se houve um motivo especial que levou Pedro a dizer essa palavra sobre Paulo. No entanto, é possível que nas igrejas a que ele se dirige a situação tenha sido semelhante à de Corinto, onde os “fortes” na fé argumentavam com frases de Paulo para justificar sua “liberdade”. Paulo considerou-se como um dos “fortes” (Rm 15.1), mas ao mesmo tempo claramente protegeu a “liberdade” também proclamada por ele (cf. 1Co 5.1-5; 6.12-20) contra mal-entendidos grosseiros, limitando-a com profunda seriedade por meio do “amor” (1Co 8; Rm 14.14 e 15.7). Nas igrejas que Pedro tem em mente os falsos mestres também podem ter-se apoiado expressamente em afirmações de Paulo em suas cartas, impressionando assim os membros das igrejas. Pedro, porém, tem consciência de sua plena unidade com **nosso amado irmão Paulo**. Acabamos de citar pessoalmente 2Co 7.1, remetendo repetidas vezes a Paulo no comentário sobre a presente carta. Obviamente, apesar de toda a concórdia no concílio dos apóstolos (At 15; Gl 2.6-10), toda a peculiaridade de Paulo deve ter sido percebida pelos grupos dos primeiros apóstolos da Palestina. Por essa razão Pedro fala aqui da **sabedoria dada a ele** (a Paulo), que ele reconhece e respeita como dádiva presenteada por Deus. Porém sem qualquer crítica constata objetivamente que nas cartas de Paulo há coisas difíceis de entender. Qualquer leitor atento das cartas de Paulo há de confirmar essa constatação. Logo, era possível que vários assuntos fossem arrancados do contexto e interpretados erroneamente, servindo para que hereges justificassem seu ponto de vista. Tal “distorção” de frases de Paulo poderia confundir e seduzir os ignorantes e impacientes. Entretanto isso não se deve apenas a Paulo e à dificuldade de entendê-lo. Por isso Pedro acrescenta que **também** se pode abusar das **demais passagens** da Escritura. Nós, que contemplamos um longo período de história eclesiástica, temos em vista uma série de penosos exemplos. Quantas opiniões e doutrinas erradas e perigosas foram comprovadas “a partir da Bíblia”! Ou seja, isso já acontecia

naquela época, e Pedro precisa proteger a igreja contra isso. As pessoas que “distorcem” frases de Paulo ou outras passagens da Escritura fazem-no por risco próprio e **para sua própria perdição**. É isso que a igreja tem de considerar seriamente.

- 17 A sedução não os alcança despreparados. Em suas cartas Paulo defende a verdadeira mensagem do evangelho com suficiente clareza, tendo desmascarado e combatido de maneira bastante explícita as maquinações dos hereges gnósticos, e agora Pedro advertiu a igreja com sua carta. No entanto Pedro conhece o poder “arreatador” das heresias que vem se somar a nossos sentimentos e nossas pulsões naturais (cf. 2Pe 2.18), fazendo com que vejamos em tão audaciosos defensores da libertinagem admiráveis “heróis”. Por isso ele torna a advertir: **Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos para que não sejais arrastados pelo erro desses insubordinados e descaiais da vossa própria firmeza**. Ainda estão “firmes” e “cercados por sólidas escoras”, outra explicação possível para o termo grego **firmeza**. Dessa escora da palavra apostólica e do costume apostólico eles não devem **descair**.
- 18 No entanto não basta a advertência negativa. Tampouco se trata apenas de “assegurar e preservar”, de “ficar parado”. O termo “cristandade” pode ser mal-entendido. Paulo compara o cristão com o corredor no estádio! Por isso também Pedro acrescenta à exortação de “não descair da própria firmeza” imediatamente o convite: **antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo**. É uma palavra breve com um poderoso conteúdo que preenche e faz avançar a vida como um todo. Crescer acontece às escondidas, calma e constantemente. Não se trata de esforços precipitados: Jesus mostrou concretamente o crescimento silencioso na parábola de Mc 4.26-29. Quanto, pois, significam para uma igreja os homens e as mulheres que crescem silenciosamente e amadurecem sem grande alarde! São eles que também estão imunes a heresias, porque não permaneceram parados, mas **cresceram**, e precisamente **na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo**. Isso é importante. Os hereges consideram os membros das igrejas apostólicas “atrasados”. Conhecimento, conhecimento, sempre novos conhecimentos - este é seu lema. Pedro, porém, antepõe intencionalmente ao **crescimento no conhecimento** o **crescimento na graça**. Não é um crescimento para “cima”, mas sempre para as profundezas. Tornar-se cada vez menor aos próprios olhos, cada vez mais carente da **graça de nosso Senhor e Salvador**, e por isso também valorizar cada vez mais essa **graça**, amá-la com gratidão cada vez maior – esse é o autêntico “crescimento” para o qual a igreja deve ser convocada. Justamente então, e somente então, acontecerá também o verdadeiro **crescimento no conhecimento**, a saber, no conhecimento de Jesus Cristo como **Senhor e Salvador**. O crescimento de que precisamos não se resume a acolher novidades interessantes e excitantes. Pelo contrário, a antiga verdade que experimentamos e compreendemos já na hora do arrependimento e renascimento abre renovadas profundezas, e a antiga “palavra da cruz” mostra glórias das quais nada sabíamos no início. Os hereges, porém, se desprendem e afastam constantemente de Jesus e suas instruções, a fim de “usufruir” de sua liberdade. Em contraposição, o crescimento autêntico dos redimidos processa-se na medida em que Jesus se revela cada vez mais a eles e, dessa maneira, em eles passarem a conhecê-lo cada vez melhor. Conseqüentemente, não apenas o reconhecerão cada vez mais prontamente como seu Senhor, mas, como tal, também o amarão de forma cada vez mais ardente, direcionarão seu pensar, falar e fazer de maneira cada vez mais consciente para ele. Isso significa que irão segui-lo cada vez mais decididamente. O que precisamos para crescer não é que uma série de outras coisas se torne importante para nós além de Jesus, mas na realidade crescemos intimamente pelo fato de que ele próprio, nosso Senhor Jesus, se torna cada vez mais grandioso, imprescindível e glorioso para nós.
- Por isso Pedro encerra a carta com a frase: **A ele pertence a glória, tanto agora como no dia da eternidade**. O **dia da eternidade** revelará que Jesus é o “Senhor”, para o pavor dos hereges e para a alegria devota da igreja. Então ele igualmente será, como viu João, o Cordeiro de Deus, o **Salvador**, de cuja **glória** fazem parte suas chagas. Quando a graça de Jesus se torna absolutamente grande para nós, quando vivemos somente dela e Jesus passa a ser o “único digno de amor e grandioso”, então o mundo que vem com o dia de Deus, o dia da eternidade não nos envergonhará nem decepcionará, mas apenas confirmará acima de todo o pensamento que a glória pertence a Jesus.